Jorge Lopes Rodrigues





Experiências de viagens ao redor do globo

méritos



Jorge Lopes Rodrigues







3 • Jor.

2013 - Versão livro em papel 2023 - Versão fac-similar em ebook/PDF © Livraria e Editora Méritos Ltda. Rua do Retiro, 846 - Passo Fundo - RS - CEP 99074-260 Página na internet: www.meritos.com.br E-mail: sac@meritos.com. br

Charles Pimentel da Silva Editor Jenifer B. Hahn Auxiliar de edição Léo Hélio Dellazzari Revisão final

◆ Todos os direitos reservados e protegidos pela lei nº 9.610 de 19/02/1998. Partes deste livro podem ser reproduzidas desde que citados o título da obra, o(s) autor(es), a editora e os demais elementos de referenciação bibliográfica, conforme as normas da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.

R696n Rodrigues, Jorge Lopes

Caminhos do mundo: Experiências de viagens ao redor do globo / Jorge Lopes Rodrigues. - Passo Fundo: Méritos, 2013.

144 p.

1. Relato de viagem I. Título.

CDU: 82-992

Bibliotecário responsável: Marisa Fernanda Miguellis CRB 10/1241

2013 - Versão livro em papel - ISBN: 978-85-8200-022-9

Impresso no Brasil

Era uma vez...

Era uma vez um menino... Jorge. Virtude ele tinha e trabalhava também. Na cidade de Passo Fundo da década de 50, as pessoas não queriam se sentir amarrotadas... Enquanto sua mãe engomava camisas com ferro a carvão, ele as entregava quentinhas aos clientes, sempre com viçosa disposição e um sorriso angelical no rosto. Ah, como essas virtudes da tenra idade conquistam a gente!

Nesse tempo, estávamos na metade da década de 60, anos assustadores no Brasil, pela opressão e ameaça à alegria e à espontaneidade... mas nada abalava o menino, verdadeiro, puro e sonhador... sempre bem aprumado em seu diminuto traje com gravata, nunca deixou seu ofício junto aos pais, fosse o de filho ou de aprendiz... continuou encantando... e tornou-se um orgulho para familiares e até para professores, por sua dedicação aos estudos e o consequente progresso no trabalho.

Logo, o menino cresceu, virou adulto... e em sua nova profissão passou a levar as pessoas a lugares longínquos, a terras e mares desconhecidos. Foi aí que, estabilizado em seu trabalho com turismo, encontrou um grande amor... com a mesma naturalidade que a abelha encontra a flor. E outra vez virou menino! E para mim sempre será o garotinho da Dra. Lídia, sua mãe, que a mim confessou um segredo: "É mais fácil construir um menino do que consertar um homem!"

Selma Costamilan,

Professora, líder comunitária e membro da Academia Passo-Fundense de Letras



O mundo em nossas mãos

Quem não gostaria de conhecer as belezas, as formas curiosas e atrativas que o nosso planeta possui, distantes e quase impossíveis de serem tocadas? Vindo de uma origem que identifica o homem simples, mas cativante, do interior de nosso estado, Jorge Lopes Rodrigues, em paralelo a suas atividades profissionais e com mais frequência depois dos benefícios de uma merecida aposentadoria, vem trilhando uma espetacular caminhada, rompendo os limites das divisões e separações de nações e conhecendo muito do que o mundo oferece em termos de natureza e cultura.

Jorge conta tudo isso neste livro, com espetaculares detalhes do perfil de vários povos, costumes, maneiras de vestir, crenças religiosas e histórias das conquistas nos mais variados rincões, onde evoluiu a humanidade. Sua aventura de desbravador é viva, com bastantes cores em todos os flagrantes. É por isso que se pode afirmar: "os *caminhos do mundo* chegaram às nossas mãos!"

Jorge Lopes Rodrigues é credor de eloquentes agradecimentos, por haver experimentado e principalmente por compartilhar as incontáveis belezas desse pedacinho do universo, obra perfeita de nosso Criador. Agora é possível preencher os vazios da imaginação acerca do nosso planeta azul... pois o que nem todos podem conhecer e desfrutar, já se pode ver nas páginas desta bela obra.

Antônio Augusto Meirelles Duarte Comunicador social e membro da Academia Passo-Fundense de Letras



Sumário

ERA UMA VEZ Selma Costamilan	5
O MUNDO EM NOSSAS MÃOS Antônio Augusto Meirelles Duarte	7
PARTE I - PRIMEIRO ENCANTO	11
PARTE II - NOVOS RUMOS	27
Parte III - Aprendizado	55
Parte IV - Maturidade	87
Parte V - Um encontro com nós mesmos	119
POR QUE É BOM VIAIAR?	143



Parte I

Primeiro encanto

Meu espírito aventureiro vem de criança. Gostava de "novidades", como dizia D. Lydia, minha mãe. Perto dos três anos, durante uma mudança, do alto da carroceria de um caminhão, junto de minhas irmãs, vi a vizinhança passar rápida frente aos olhos. Nunca mais fui o mesmo!

Depois disso, aos nove anos, vivi outra situação inusitada diante do desconhecido. Minha irmã Lires tinha ido morar no distrito de Charrua Baixa, a 15km de Tapejara. Bom, senti saudades dela e decidi visitá-la, e fui. Como? A pé. É isso aí. Levei um cantil com água, um boné e uma mochila enjambrada de última hora. A manhã daquele dia era de sol. Logo após o almoço, comecei a viagem, pé-por-pé, sobre aquelas terras vermelhas ao norte do Rio Grande do Sul. As florestas mistas da região eram de um verde viçoso e muitos pássaros cantavam em volume impressionante, cruzando o céu de um lado para o outro, em idas e vindas de dar inveja... sem qualquer impedimento.

Seria aquilo um presságio? Para meu espanto, desandou um temporal e eu estava ainda na metade do caminho. Primeira reação: parar debaixo de um pinheiro. Foi muito rápido e até me senti como numa cena de filme, fugindo de uma catástrofe etc. Porém, olhei para cima e aquilo era bem real. Nenhuma ficção me salvaria se um daqueles galhos caísse na minha cabeça, pois se dobravam feito papel e os troncos chegavam até a gemer de tão forte a ventania.

Saí correndo dali e logo depois um deles despencou bem naquele lugar. "Ufa! Escapei!" Fiquei contente, mas durou pouco. São Pedro continuava mandando água e vento para todos os lados e então um pavor tomava conta de mim. Disparei em desabalada carreira sob a forte chuva. Incorporei a força dos caingangues, eu acho... mas chegou uma hora que não aguentava mais. Por sorte, notei que já estava à porta da casa de minha irmã. Cheguei antes do previsto, no entanto encharcado, cansado e com frio. A roupa que levei a tiracolo também ensopou. Tive que vestir um agasalho do meu cunhado. Que situação! Depois disso, era só prosa, mate e brincadeiras...

Em nossa família havia seis irmãos, primeiro vinha o Olavo, depois a Olga, a Lenir, a Lires, eu (Jorge) e por último a Liege. Fiquei cinco dias por lá. Era hora de ir para casa. Dei adeus ao cunhado Antônio e aos sobrinhos e parti para o centro da vila. Na cabeça, um pensamento: "E se outro temporal me pega na volta?" Tinha que dar um jeito nisso... entrei num bar para pedir informações. Lá estavam uns gringões. A imigração italiana e alemã levou muita gente branca e de olhos claros para aquele rincão gaúcho, ademais dos descendentes de índios e africanos que já viviam por lá. Por fim, contaram de um Jeep verde que ía para Sede Teixeira (assim os antigos chamavam Tapejara). Para mim tudo bem, pois a pé e sozinho não voltaria. Nem pensei duas vezes. Procurei o motorista e perguntei: "Tem carona?" Tive que esperar um pouco, mas pelo menos não voltei caminhando.

* * *

Sempre gostei de ouvir rádio. Meu pai tinha um Evenrude, inglês. À noite, sintonizava na "A Voz Da América", um programa informativo dos Estados Unidos . Assim, soube de sua capital,

Washington, e inclusive de outras cidades, como Dallas, New York, Chicago, Boston. Porém, o que me fascinava eram as notícias sobre os parques daquele país, principalmente o de Yellowestone, o mais antigo do mundo, com vulcões e jatos d'água quente que saem da terra (pela primeira vez, escutei a palavra gêiser) e animais, como ursos marrons, lobos, bisontes, alces, típicos daquele ecossistema. "Nossa!" Isso revirava minha imaginação. Creio que seria igual para qualquer jovem acostumado com animais domésticos e de pecuária. Prometi a mim mesmo: "Um dia vou visitar esse lugar!"

Também lia bastante... na verdade, o que podia, é claro, principalmente o *Correio do Povo*. Eu era um garoto extrovertido... Tanto que certa vez decidi romper a barreira da curiosidade e me



Dia de procissão na Ponte do Guaíba, na década de 60. Esta foto se parece bem com as fotos que vi quando criança.

apresentar para esse jornal. Assim de supetão. Escrevi uma carta. Nela contava quem era, do que gostava e o que queria. E não é que um belo dia chegou à minha casa um pacote com livros e fotos de Porto Alegre.

Eram imagens em preto-e-branco da ponte do Guaíba, da Avenida Borges de Medeiros, da Rua da Praia, do porto, do aeroporto, da rodoviária na Av. Julio de Castilhos, do Parque da Redenção etc. Não consigo até hoje medir a euforia com que li, reli e sonhei com aquele lugar.



Aos doze anos, eu já gostava de usar terno e gravata. Nesta imagem, estou ao lado de minha irmã Liege, na ocasião do Natal de 1962, em Tapejara (RS). Ela com sua boneca e bicicleta novas, eu com uma bola.

Para aumentar minhas ânsias, um dia veio nos visitar meu tio Miranda, tenente da Brigada Militar, residente na capital gaúcha. Contou muitas histórias de lá e mostrou fotos que eu não tinha, como a do bondinho elétrico, ônibus, praia do Guaíba, praia de mar, jogos do Grêmio. Ah, o futebol! Ante uma remota possibilidade de ir a Porto Alegre assistir a uma partida, não dormi à noite. Porém, era setembro. A aulas iam até dezembro. Só me restou me despedir do tio na rodoviária de Tapejara. Dei-lhe um abraço. Sabem quando a gente vê a chance de realizar algo indo embora? Assim me senti. Pensei rápido e gritei: "Nas férias eu vou, tá!" Ele apenas sorriu para mim.

E tive que esperar, afinal não podia fazer de outro jeito. Quando terminou o ano letivo, a euforia da viagem já não era mais a mesma... Pela primeira vez, então, pensei com ares de gente grande: "Fazer o que aqui? Jogar bola com os amigos? Brincar de mocinho ou bandido? De circo? Andar no mato batendo espada...? Isso é tudo

muito bom, mas não! Isso não é mais para mim." Em Porto Alegre, poderia andar na Rua da Praia, ver o Guaíba, o aeroporto. Ah, o aeroporto! Saída para o mundo, lugares desconhecidos, falar com outras gentes, andar, caminhar, passear, conhecer... Sentia tudo isso por antecipação. Decidido! O melhor a fazer era viajar.

Todavia, muito antes disso, precisava do consentimento de meu pai. Não sei se andava muito ocupado, ou o quê, mas não gostou da ideia. A minha mãe, por outro lado, concordou. Quase não acreditei: ela deixou, ele não... logo o Sr. Osório Rodrigues que até guarda-freios da viação férrea havia sido, viajava bastante e tal... Devia ser birra de pai. Bom, os dois entraram num consenso e eu fui me aprontando. Já era dezembro. Iria de fato a Porto Alegre, sozinho. "Que ansiedade!" Enorme, principalmente uns dias antes da partida.

Fiz a mala, a merenda para comer durante a viagem, um suco para não passar sede e uma lista de imprevistos. Caso o tio não estivesse na rodoviária, como chegar à casa dele? Para isso, tinha um mapa da cidade analisado e estudado também.

Com tudo pensado e repensado, no dia 15 de dezembro, às 12:30h, tomei o ônibus na Rodoviária de Passo Fundo (ali onde hoje está localizado o Banco Sicredi, no centro). Era meu primeiro roteiro, passando por Marau, Vila Maria, Casca, Nova Bassano, Nova Prata, Veranópolis, Bento Gonçalves, Caxias do Sul até Porto Alegre. Depois de oito horas, sacolejando, dormitando, conversando, cheguei à capital às oito da noite. Meu coração batia descompassado e ansioso, meus olhos buscavam a figura do meu tio. Lá estava, com seu sorriso de sempre. "Alívio!"

Vi ruas, luzes, o bondinho, gente, muita gente... afinal, estava na Porto Alegre de quase duzentos anos. A mesma que se chamava São Francisco do Porto dos Casais, provavelmente porque por volta de 1752 muitos açorianos, com suas esposas, passavam por lá, em cumprimento do Tratado de Madrid, para colonizar o noroeste do estado, que estava sendo entregue aos portugueses em troca da Colônia de Sacramento, às margens do Prata. Interessante a história, não é mesmo?



Casa de meus tios Aldomeu e Elvira em Porto Alegre, bairro Jardim Itu-Sabará, quando de minha primeira visita à capital gaúcha...

Meu tio morava no Jardim Itu--Sabará, adiante do Passo d'Areia, longe do centro, em companhia da tia Elvira e da Morena, que cuidava da casa. Saíamos todos os dias. Passei perto da ponte da Azenha. Contaram que ali praticamente deu--se o estopim da Guerra dos Farrapos, no dia 20 de setembro de 1835. Porto Alegre havia recebido muitas reestruturações urbanas desde aqueles tempos. Visitamos outros lugares também, como o Palácio Piratini, a Assembleia Legislativa, O Theatro São Pedro, o Viaduto da Borges, a Rua da Praia, a vista do Guaíba e o Olímpico. Ah, como esquecer! Eu vi o Grêmio jogar. Sim... foi espetacular, meu time venceu.

Depois dessa viagem, em casa, o tempo passava rápido. Mudamos para Sarandi. Dizem que os refugiados da Revolução Federalista de 1893 começaram a cidade... depois alemães e italianos. Para mim, interessavam as traquinagens. Era jovem, ora. Logo fiz amizade com Mauro, Bruno, Carlinhos, Darci, Carlito. Obviamente, naquele tempo, não tinha uma noção clara das minhas virtudes. Hoje, porém, desconfio que ali brotou uma virtude de agrupar pessoas. Éramos muito unidos, grande turma.



Em Marcelino Ramos, Eu (à esquerda) com o meu amigo Darci Bruatolin (in memorian).

Um dia eu e o Darci Brustolin resolvemos fazer uma aventura. Mais uma para a coleção. Destino: Marcelino Ramos, de fronte ao nascedouro do Rio Uruguai. Detalhe: ir de trem. Afinal, por lá passava a ferrovia São Paulo-Rio Grande. Então, fomos a Passo Fundo, bem cedinho, e embarcamos numa maria-fumaça às seis da manhã, na Gare. Lá pelo meio-dia chegamos em Erechim e, às seis da tarde, na última parada, porém com o nariz preto de picumã. Não tinha como se esquivar daquela fuligem.

Minha irmã Lires morava, desta vez, em Marcelino Ramos e nos hospedou na casa dela uns dias. Visitamos o Santuário de Nossa Senhora da Salete, a ponte da mesma ferrovia que liga o estado gaúcho ao de Santa Catarina. Naquelas andanças, descobrimos que tinham perfurado um poço de 2,5 mil metros por lá. Era prospecção por petróleo. Resultado: nada do ouro negro, apenas água quente, mas que não deixa de ser um tesouro diferente, já que aquele lugar recebe atualmente muitos turistas em busca das termas, graças àquele primeiro buraco que virou balneário na década de 70.

* * *

Quando servi o quartel em Rosário do Sul, vivíamos uma ditadura, mas graças a Deus não tenho nenhuma má lembrança para contar... O que chamou a atenção do meu instinto turístico naquelas bandas foi a Ponte Marechal José de Abreu, sobre o rio Santa Maria, com incríveis 1.700 metros. Era uma das mais longas do Brasil , inaugurada no final dos anos 60. Também, pudera, Rosário está sobre um dos maiores balneários de água doce do estado.

Ao voltar do serviço militar, fui trabalhar no antigo Sulbanco. Juntava umas economias, sempre pensando em esticar o passo, ou seja, viajar. No ano de 1974, fundamos a Câmara Junior de Sarandi, um clube de liderança jovem, onde aprendi muita coisa: normas parlamentares, projetos, ações comunitárias, confraternizações, organização de eventos e participação em congressos e encontros nacionais e internacionais.

Lembro que, nesse meio tempo, estudei bastante para o concurso do Banco do Brasil. Eu me considerava uma pessoa de metas. Colocava meus planos adiante e dava um jeito de alcançá-los.

Sinto ter isso até hoje, ao lado de meu bom senso, é claro. Em resumo, fui aprovado no banco e assumi em Sarandi, no dia 6 de junho de 1976. "Ufa, tava com a vida ajeitada!"

Como membro da Câmara Junior desde 1974, integrava a equipe que recebeu um convite para uma Conferência Latino Americana da JCI, em Assunción, Paraguai . Adivinhem... "Ah! Nessa eu vou!" Não podia perder. Convidei o companheiro Carlos Alberto (o Beto) para ir comigo. Depois do episódio da chuva lá em Charrua Baixa, aprendi a viajar acompanhado.

Embarcamos rumo a Foz do Iguaçu, no Paraná, passando por Santa Catarina. No dia seguinte, fomos à rodoviária, mas informaram que o ônibus para Assunción já estava na estrada. Atrasamos alguns minutos... Não sairia outro naquela semana. "Ai, ai, ai!" Lembro bem disso, uma segunda-feira, perto das seis da tarde. Ante meu nervosismo, a balconista sugeriu embarcar na aduana, porque o motorista permanecia lá geralmente por uma hora, antes de deixar o Brasil . Se corrêssemos, alcançaríamos... "mas quem compra uma passagem de um bonde andando?" Sem tempo de pensar, perder essa, era perder a Conferência. Para nossa sorte, a atendente ligou para Aduana, avisando que estávamos a caminho. Tomamos um táxi e interceptamos o coletivo. Apenas quando coloquei o pé dentro do veículo, pude exclamar: "Finalmente!" Depois de tudo, viajamos até mais sossegados.

Ao meio-dia, o ônibus parou. Hora do almoço. Ótimo, tínhamos fome. Sentamos à mesa de um restaurante. O cardápio veio a seguir. Eu sabia um pouco de espanhol e até de inglês, caso precisasse, mas de nada adiantava, o menu estava em guarani. "Me acuda! O que vamos comer?", falei surpreendido. É claro, queríamos fazer refeições num país bilíngue. Os paraguaios têm cultura indígena

e hispânica, isso por causa das Missões Jesuíticas, de forte presença na região, desde o início do século XVII, até 1676. São testemunhas desse passado muitas obras arquitetônicas daquele tempo, hoje em ruínas, presentes, inclusive, em território brasileiro, como se pode ver em São Miguel-RS.

Para encerrar o assunto, dissemos à garçonete que queríamos comer, "comer". Enfatizamos que estávamos com fome, "fome"... Aí ela começou a dizer uns nomes de comida, mas nada, não entendíamos nada. Então, em meio à fala escutei algo que me lembrou um bife à milanesa e eu disse: "É esse mesmo!" Afinal, a pecuária sempre foi uma das bases do Paraguai . Provavelmente essa carne viria do Chaco oriental. A moça voltou com uma grande porção de mandioca. Não deu outra. Nos olhamos e caímos na gargalhada, mas para nossa sorte, aquela era apenas a entrada, depois veio o prato principal: bife, com pão de milho e mais uma coca-cola.

Chegamos em Assunción à noitinha e fomos direto para o Hotel Paraná. A conferência aconteceria num prédio em frente. Muito cômodo. À noite, antes de participar do jantar de abertura, deu tempo para dar uma espiada em algumas peças de artesanato deles, como tapeçarias, canastras, colares, redes, cobertores, tudo feito de fibras, madeiras, sementes e plumas.

No outro dia, pela manhã, nós do Brasil , mais uns companheiros paraguaios, fomos a um belo museu. Havia vários, mas me impressionei com um que mostrava armas, fuzis de madeira e um de repetição (de calibre 7,65, conhecido como *mata Paraguaios*). Não gosto de guerra. Há que aprender a não optar por ela... Eu não tive tempo, mas naquele lugar ainda podia ter visto livros, fotografias e documentos originais sobre a impressionante história militar daquele país. Sei que até

hoje muita gente pesquisa sobre a Guerra da Tríplice Aliança e a Guerra do Chaco, naqueles acervos.

Terminada a conferência, voltamos para ficar dois dias em Foz do Iguaçu. Conhecemos as cataratas do lado brasileiro e as do lado da Argentina 🚅. São uma das sete maravilhas do mundo, realmente... O rio de mesmo nome nasce no estado do Paraná. Imaginem 1.700 metros cúbicos de água caindo por oitenta metros de escadarias e paredões de pedra... É um espetáculo da natureza, com muitos arcos-íris e ruídos que parecem dizer o quão pequenos somos frente à mãe-natureza. A garganta do diabo, um poço profundo onde caem águas quase que de todos os lados, expressa essa ideia muito bem. Penso que ninguém se meteria ali por nada nesse mundo. Hehehe!





Muitos animais silvestres no Parque Nacional do Iguaçu.



80% das cataratas do Iguaçu estão na Argentina.

Não sei exatamente quando ficamos sabendo das *comprinhas* no exterior. Esse era mais um atrativo da fronteira. Eu me encarreguei de adquirir uns chicletes coloridos e já ia comprando mais umas coisas de que precisava, mas fui advertido de que havia um limite, pois controlavam na Ponte da Amizade. Investiguei como aquilo funcionava, pois queria ir embora, e, de preferência,

sem problemas na Aduana. Sorte que não comprei muito. De qualquer forma, somando tudo, não implicava problemas legais. Então aprendi. Voltei para Sarandi, bastante eufórico, parecia que tinha descoberto o caminho das Índias, algo assim.

Aquele país, aquela capital, aquela história, aquele comércio... que encanto! Não demorou muito para que organizasse outra excursão para lá. Só que dessa vez reuni um grupo de 36 pessoas. Contatei com a Lopes Tur, de Carazinho. Saímos muito animados. Passamos a fronteira e já estávamos em Puerto Strossener. Assim era chamada a Ciudad Del Este, ironicamente aludindo ao general que comandou por quase trinta anos uma ditadura no Paraguai , com perseguições a opositores, artistas, jornalistas, escritores, intelectuais. De lá, fomos a Encarnación e logo a San Bernardino, onde está o parque Ypacarai. Lembram da música *Noches de Yparactai*? Pois é... o lago azul existe e é muito lindo, vale a visita.

Depois de chegar à capital do país vizinho, levei o pessoal para um passeio em Assunción havia outras belezas bastante visitadas, como o antigo Cabildo, a Igreja da Santíssima Trindade e o Panteão Nacional dos Heróis. Quando paramos em museus, dessa vez me chamaram a atenção os instrumentos que foram da banda do Padre Acosta. Lá estava a famosa harpa paraguaia, ícone da canção popular deles, de influência guarani, considerada de excelente qualidade melódica.

Foram junto meu irmão mais velho, o Olavo, e minha cunhada Oscilda. Era muito bom fazer tantas descobertas em companhia desse pessoal. Estava entusiasmado. Tanto que, na volta para casa, depois de ter bancado o guia turístico, eu já fazia de tudo... piadas, cantorias, brincadeiras e

Panteón Nacional de los Héroes.

Cabildo.







Asunción, às margens do rio Paraguai.

distrações com os passageiros. Foi aí que nasceu uma ideia: "Vou trabalhar com turismo!"

Um dia, conversando por telefone com o Osvaldo, um dos motoristas da Lopes Tur, que também havia ido a Assunción, decidimos organizar uma nova viagem de compras ao Paraguai . Era a minha chance de começar. Então, como eu fazia um programa na Rádio Sarandi, anunciei a ideia e arrumei umas dez pessoas. A partida seria numa sexta-feira. Lá estávamos, eu com meu grupo, esperando o meu amigo e seu ônibus.

Foi minha primeira excursão com esse objetivo. Escolhi para mim uma TV pequenina, Nippon, de duas polegadas, a qual tenho até hoje. Mas para trazê-la foi um sacrifício... Era inverno, fazia muito frio e eu estava com meu pala. Na volta, um motorista de caminhão veio contar que a Receita estava fazendo uma barreira e não passava ninguém com produtos acima da cota, pois todos os ônibus estavam sendo

revistados no estilo *pente-fino*. Fiquei de orelha em pé. "E minha tevezinha?", pensei.

Não podia perdê-la de forma alguma. Bom, eu havia levado uma bombacha, um par de botas e um chapéu, para fazer folia na volta. Bem quieto, antes da partida, entrei no ônibus, peguei as bombachas, calcei as botas e amarrei a TV nas costas com um cinto. Coloquei o pala por cima de tudo e me sentei bem estufado na poltrona. Ali fiquei em silêncio.

Partimos. Andamos, andamos e nada da Receita. Nisso, notei que alguns começaram a rir e a me olhar atravessado. Afinal, eu, que sempre fazia algazarra, estava calado. Naquele diz-que-diz, fui tirar satisfação e aí vieram as gargalhadas. Era uma pegadinha... coisa do Osvaldo e do Anadir, os motoristas. Fiquei chateado, mas aliviado. E a verdade é que depois ri junto a todos. Ficou para a história, mas eu disse para seu Osvaldo: "O Sr. me paga! Eu me vingo, mais cedo ou mais tarde."





Foz do Iguaçu e Ciudad del Este.

Compras...



Itaipu, construída entre 1975 e 1982, até poucos anos atrás era a maior usina geradora de energia do mundo.

Fiz outras viagens para o país vizinho, muitas de compras, e em quase todas visitávamos as cataratas e a Usina Hidrelétrica de Itaipu. Quase que me esqueço de comentar sobre esse empreendimento binacional, de onde o Paraguai extrai toda a energia que consome e ainda exporta o resto para nós, brasileiros. Enfim, de tantas idas e vindas, fiquei *expert* e me tornei até importador. Trouxe muita coisa de lá, ganhei muito conhecimento, dinheiro e histórias para contar. Quando os paraguaios foram bicampeões da Copa América, em 79, festejaram como nunca. Merecido, pois analisando com calma a história daquele país, cheguei à conclusão de que eles são literalmente *batalhadores*! Enfrentaram um guerra contra o Brasil e a Argentina em 1864, outra contra a Bolívia em 1930, uma guerra civil nos anos 40, mais a ditadura do Strossener...

Algum tempo depois do meu *debut* internacional, fazendo outra viagem, novamente acompanhado pelo Osvaldo e o Telmo, tive uma ideia assim que entrei numa loja de mágicas. É que eu tinha ganhado uma daquelas gomas de mascar, que quanto mais mordida mais deixa a boca azul. Sim, caí nessa pegadinha. *Hehehe!*

Bom, durante a viagem de volta, à noite, fui à cabine dos motoristas e coloquei uma dessas gosmas junto das verdadeiras que estavam por lá. Conversei um pouco com o motorista e fui dormir. Lá pelas duas da madrugada, o ônibus parou e o Telmo desceu louco de brabo. Disse tudo que era nome, palavrão... xingou. Fui ver o que estava acontecendo e descobri que ele tinha mascado a goma que era para o seu Osvaldo. Fiquei calado no princípio, mas no fim inventei de contar minha verdadeira intenção. "Para quê?" Sabem o que o homem me disse?

"Jorge, você tá com sorte que é o seu Osvaldo que manda nessa viagem. Se fosse eu, você ia ficar aqui, no meio da estrada".

Eu estava louco para rir da maneira com que ele tentava se desfazer da espuma azul que se formava em sua boca: cuspia por todos os lados e se limpava com a manga da camisa, pois era difícil engolir aquilo. Fui para dentro do ônibus rir. Nos dias seguintes, nem falou comigo... mas eu não podia deixar passar essa... Até agora só a gente sabia disso. Porém, para a minha sorte, com o tempo as coisas ficam engraçadas. E, para falar a verdade, é melhor assim... viver a vida com alegria.

Depois desses intercâmbios todos com o Paraguai , por incrível que pareça, foi possível refletir um pouco sobre o meu lugar no mundo, sobre o meu país, meu estado e minha cidade. Mas não num sentido de comparar as nações. Muitos turistas saem de viagem com a ideia de que os lugares têm que se adaptar às suas necessidades. Isso pode ser possível só da porta do hotel para dentro, e olhe lá! Lutar contra isso pode frustrar o passeio. Quem viaja tem muito mais a ganhar se entender que sua presença causa uma mudança no outro ambiente. Se for para escolher, melhor optar pela mais saudável e divertida que é interagir...

Enfim, quanto mais conhecemos outros lugares, mais entendemos o nosso próprio. E não apenas as aventuras passam a ser valorizadas, como também o cotidiano se enche de significado. Essas são coisas que também aprendemos viajando e creio que tiveram para mim um quê de "primeiro encanto". E se me perguntarem: Por que *primeiro*? Bom, porque eu estava recém criando o gostinho por descobrir muito mais viajando...

Parte II

Novos rumos

Senti que se aproximava uma fase de conhecer o Brasil e se us estados. E parecia que tudo se encaixava. Minha empatia e o fluxo de funcionários do banco me permitiram conhecer muitos novos colegas. Lembro quando uma moça do Rio de Janeiro, a Helena, assumiu na agência onde eu trabalhava. Ficamos amigos, conversamos muito e, como sempre, estava atento ao que ela me contava sobre sua tão falada cidade *maravilhosa*.

Um dia disse a mim mesmo: "Vou pro Rio!" Convidei meu amigo Claudir e quando menos esperava tinha uma nova viagem a caminho. Tirei férias em abril, mas faltando uma semana para viajar, meu companheiro veio com um papo no mínimo estranho: "Não vou poder ir! Não sei quê..." Então respondi: "Ah é, é... mas eu vou igual." Naquele tempo, tive que comprar uma passagem para Porto Alegre e de lá para o Rio de Janeiro. Assim o fiz. Era o único jeito.

Cheguei à capital carioca à noitinha e tomei um táxi para o Hotel São Francisco, no centro. "Vou sair à noite!", pensei. Antes, porém, liguei para a casa dos pais da Helena, apresentei-me e disse onde estava. Atendeu o Sr. Ednardo Façanha, que me advertiu para não ir muito longe à noite, pois o lugar era perigoso. Nem precisou dizer duas vezes. Geralmente, sou de arriscar, mas tenho meus limites. Quem viaja não deve esquecer isso...

Ele ficou de me buscar. Eu mudaria para outro hotel, perto da sua casa. No outro dia, depois de tomar café, fui para a porta do hotel com um pensamento: "Como será esse cara? Legal? Gordo? Magro? Velho? Novo?" De repente, vi um magrão, de óculos, meio cabeludo e de bigode. Era o Sr. Ednardo, pai da minha amiga que ficou em Passo Fundo.

Conheci sua esposa, a Dona Maria do Socorro, e suas outras filhas, a quem chamava de "cariocas", mas ele se dizia "fluminense"... Perguntei o porquê da diferença. Explicou que este último era o gentílico para os nascidos no estado do Rio. Já "carioca" era



Praia de Paquetá.



Bondinho.



Teatro Municipal.



O morro do Corcovado, onde está o Cristo Redentor, possui 710 metros de altura. Encontra-se no Parque Nacional da Tijuca, de onde se pode ver o Pão de Açúcar e parte de Copacabana. Vale umas quantas visitas...

para os da cidade homônima. "Ah tá!" Por fim, depois do almoço, saímos para conhecer um pouco da cidade mais turística do Brasil . Passeamos pelo Corcovado, Morro da Urca, Teleférico e fomos até as praias. Em geral, a temperatura por lá está entre morna e quente. Falando em clima, lembro que o pai da Helena comentou que quase morreu de frio ao visitar o Rio Grande do Sul, um tempo atrás. Já estávamos na Confeitaria Colombo, de antiga fama, lá dos anos cinquenta. tomamos um chá...

Depois de alguns dias, fui para a Rua Gomes de Sá, noutro hotel, ainda no Rio. Com aquele pessoal, visitei a Ilha de Paquetá e outros tantos lugares. O povo do Rio parece estar sempre re-



Arcos da Lapa, construídos no período colonial. Em formato piramidal, atrás, está a Catedral Metropolitana.

laxado, tranquilo. Senti o mesmo e gostei. Deve ser o efeito do litoral. Um lugar especial sem dúvida. Talvez por isso que índios (tupi-guaranis, botocudos, goitacazes, tupinambás, tamoios, entre outros) e muitos estrangeiros por muito tempo disputaram a ocupação do lugar.

Nossa história de escravidão trouxe muitos africanos que se miscigenaram com portugueses e nativos. No Rio, pode-se notar isso, além do resultado das inserções migratórias alemãs, italianas, suíças, espanholas entre tantas outras. Lembrei ao pai da Helena que o Rio tinha sido a segunda capital do Brasil Colônia. "Ótimo!", disse ele. Porém, dava para notar que seu

interesse era por coisas mais contemporâneas daquela metrópole, como, por exemplo, cinemas, teatros, museus, bares etc. O Rio era muito maior que Assunción... Senti como se estivesse noutro país...

Voltei para casa com uma sensação de que queria mais. Porém, fosse o que fosse, aconteceria só no próximo ano. "Sem problemas!" Estava na minha fase de explorar o Brasil , já falei. Pensei em uma nova meta e Salvador foi o alvo. Euclides da Cunha há tempos havia despertado a minha curiosidade pelo Nordeste brasileiro, com seu livro Os sertões. Sem falar que São Salvador da Bahia de Todos os Santos (antigo nome) foi o berço da nossa colonização, desde Pedro Álvares Cabral.

E quando a gente quer muito uma coisa, ela aparece... Numa de minhas andanças turísticas, o Valdomiro, da Lopes Tur, sugeriu: "Que tal uma viagem para Recife?" O roteiro incluía Rio, Vitória, Salvador, Aracaju, Maceió e Recife. Respondi: "Claro... estou dentro!" E lá estava eu formando mais um grupo. E em poucos dias já estávamos na estrada.

Como já tinha conhecido um pouco a cidade maravilhosa, apenas confirmei a impressão da primeira visita: estava num lugar cosmopolita. "Beleza!!!" Já ao chegar em Vitória, a capital do Espírito Santo, deixei-me surpreender. Primeiro, por ter sido fundada em 1551. Segundo, por ser um lugar lindo, com muitas ilhas. Duas delas estão a mais de mil quilômetros



Detalhe da avenida Dante Michelini e praia, em Vitória, estado do Espírito Santo, cidade muito procurada por seus alegres carnavais.

da costa, a Trindade e a Martim Vaz, usadas como base meteorológica.

Em Salvador, parece que se está na África, apesar de eu ainda não ter ido para lá naquela época. O fato é que na capital da Bahia vivem brasileiros de raiz, das nossas primeiras constituições populares. Quem já provou o acarajé frito em azeite-de-dendê? Eu já... e estava bem apimentado... "Ave!" Em Salvador, o carnaval é incrível e dura um montão. A arquitetura colonial tem expressão máxima no bairro do Pelourinho. Que visita! Religiosamente falando, em nível nacional, a cidade é o centro de culto aos orixás. Do Elevador Lacerda, tem-se uma linda vista da Baía de Todos os Santos... Imperdível... Fiquei sabendo que a Odebrech, multinacional da construção civil e petroquímica, nasceu em Salvador.

Quem for a Aracajú, uma das poucas capitais planejadas do Brasil • e lugar de muitos mangues, vai se impressionar com a facilidade de deslocamen-



A água de coco estava deliciosa e o sol, amigável... Praia jardim de Ala, em Salvador, na Bahia.



Bairro da Barra, em Salvador.

to e a beleza das praias, mas pode sofrer com o calor. Nem no inverno tem folga. *Hehehe!* Em Maceió, o azul do céu e a claridade da areia são de doer nos olhos de tão vivazes, tal como em muitas praias do Nordeste. Aprendi, por experiência própria que a manhã e a tarde são os melhores horários para desfrutar daqueles lugares. *Eta calorzão!*

Por fim, quando chegamos a Recife, tratei de descobrir o que tinha aquele lugar de tão especial, afinal, fora capital do Brasil Colônia, a primeira, na verdade. Lá nasceu Gilberto Freire (autor de *Casa grande e senzala*), Manuel Bandeira (poeta), Paulo Freire (educador), entre outros gênios. Bom, a fundação da cidade já dá a entender sua importância: 1537. Imaginem... Já foi lugar de insurreições e revoltas contra a própria organização social e o domínio português... Um historiador explicaria melhor.

Enfim, o bairro da Boa Viagem me encantou com sua prainha de sete quilômetros, um verdadeiro cartão-postal. Outra coisa de que gostei foi a Capela Dourada da Ordem Franciscana, dentro do complexo de edifícios do Convento e Igreja de Santo Antônio, e que inclui o Museu Franciscano de Arte Sacra.



Praia do Refúgio, em Aracaju, no Sergipe.



Zona central de Recife, em Pernambuco.

Este pequeno passeio pelo Nordeste revelou um país muito maior do que eu poderia imaginar. Há muito por conhecer... muitos Brasis dentro do Brasil . Foi uma longa, mas ótima jornada, que não deveria terminar cedo. Trouxe um pouquinho de cada lugar comigo. Isso foi enriquecedor!

"Como eu conseguia viajar tanto, se trabalhava?" Bom, meu segredo consistia em adequar as férias do banco com os períodos de passeio, em geral de até 30 dias. Todos podem, basta planejar... Havia algumas estratégias para que as viagens ganhassem matizes interessantes. Eu, por exemplo, evitava janeiro e fevereiro, os preferidos pela maioria dos colegas. Março, abril e maio não são frios no norte do país. Por isso gostava desse período e assim pude conhecer várias outras capitais país à fora.

Vou contar logo da minha primeira experiência em uma viagem internacional. Isso foi em 1988, quando participei da Conferência Latino Americana de Santo Domingo, na República Dominicana Este país divide a Ilha de São Domingos com o Haiti . Descobri que, após séculos de colonização espanhola e francesa, os dominicanos ainda foram submetidos ao jugo haitiano, tendo obtido a liberdade democrática com a ajuda dos Estados Unidos em 1965. Uma confusão, mas havia uma boa notícia nessa história: eu estaria no famoso Caribe, de lindas praias e clima paradisíaco.

Para chegar lá, porém, só de avião. Confesso que nunca tive medo de altura, nunca mesmo, mas comecei a me criticar por ter desejado, quando criança, ir e vir pelos céus sem impedimentos, como os pássaros... Sabem a quanto sobem os voos internacionais? Doze mil metros.

Agora vou contar como foi para tirar passaporte, visto etc. Para fazer isso, saí de Sarandi à noite para cedo chegar a Porto Alegre, no prédio da Polícia Federal. Meu primeiro documento

internacional foi emitido no dia 25 de abril de 1988. Depois, fiz o visto americano para cinco anos, emitido em 12 de maio do mesmo ano. Na época, tudo era feito na capital gaúcha.

Tudo pronto, pacote comprado, passagem, máquina fotográfica e muita emoção antecipada. Sairíamos de Porto Alegre para São Paulo, depois Miami e só então seguiríamos a Santo Domingo, na



Desfile de nossa delegação em Santo Domingo, na República Dominicana.

República Dominicana 😂. Por fim eu passei por um aeroporto. Era desejo antigo. Chegamos bem e até mais rápido do que aquela primeira viagem que fiz a Porto Alegre. "Impressionante!" Participei da conferência junto com companheiros de Novo Hamburgo e Curitiba. Fiz amizade com estrangeiros também. No hotel, vi gente de Curação , eram uns negros de enorme constituição física. "E olha que eu me considerava alto!" À noite, após as conferências, reunião nos apartamentos dos hóspedes de outros países. Foi legal porque comemorei meu aniversário lá mesmo em Santo Domingo. Ainda nessa cidade, fomos visitar o balneário La Serena, onde haveria

uma festa. Bebi pela primeira vez *piña colada* e comi peixe em folhas de bananeira. Detalhe: eles eram enterrados na areia para serem assados.

Para terminar nosso roteiro, passaríamos por Miami, nos Estados Unidos . Estávamos cansados, fomos para um hotel bem simples (estava incluído no pacote). Era tanta gente que faltou lugar. Isso piorou as coisas. Havia, no nosso grupo, uma companheira do Paraná, a Ana, que viajava com seu irmão. Como faltou cama, ela foi solicitar uma na portaria. O atendente entendeu que queriam um "berço" ("cuna" se diz em espanhol) e disse que iria levar até o apartamento. Eu e outro companheiro resolvemos dar um susto nela quando estivesse voltando. Porém a Ana não subiu, havia ido até o hall do hotel ver a avenida. O porteiro sim havia subido, com a dita cama extra (na verdade, um berço, no entendimento dele). Sem saber direito quem vinha, pulamos na frente dele, quando passava



Miami Beach, no estado da Flórida. USA.



Pose ao lado de um Pontiac, em Miami.

pelo corredor. O cara levou aquele susto, largou aquela coisa com rodinhas e voltou correndo para a portaria. Nós também nos assustamos com a reação dele, mas depois caímos na gargalhada. Aí deixamos o berço na porta do apartamento da Ana e fomos dormir. Não me perguntem como ela se virou com aquilo...

Nem parecia que estávamos nos Estados Unidos , pois muita gente falava espanhol em Miami, na Flórida. Certamente, pela proximidade com Cuba e a grande quantidade de exilados daquele país. Isso se explica pelas históricas diferenças políticas e econômicas entre essas nações.

Miami é um dos centros financeiros do país. Há muitas empresas por lá. E somando-se a isso sua posição geográfica, é considerada a entrada/saída dos norte-americanos que negociam com a América Latina.

Fomos avisados de não deixar de passar por Hollywood Beach Miami, de areia branquíssima e águas calmas e transparentes. Mas sabem a primeira coisa que fizemos assim que saímos da porta do hotel? Ir para Orlando, uma das cidades mais visitadas do mundo, por causa de seus parques, é claro. Lá estavam o Walt Disney e também o SeaWorld. "Escolher?" Que nada... direto para a Disney!

Que maravilha! Tudo lá é temático. Experimentei uma atenção turística sem igual. Depois, vários outros empreendimentos se uniram a esse parque, como o Hollywood Studios e o Animal Kingdom. Há ainda em Orlando o Universal. Que organização! E dizer que o Sr. Walter Elias Disney começou seu império produzindo histórias como *Os três porquinhos* (do australiano Joseph Jacobs), *O patinho feio* (do dinamarquês Hans Christian Andersen) e, é claro, Mickey e Pato Donald.



Visita à Disney, em Orlando, na Flórida. USA. Da esq. para a direita: Roberto de Marchi, Ricardo, Neuza, Paulo, Ivo, Mario. Agachados: Jorge e Murilo.



O Epcot Center, na Disney, tem muitos brinquedos e atrações futurísticas, além de uma área com réplicas de alguns países. Parece que damos uma volta ao mundo...

Aluguei uma filmadora e gravei tudo com meu espírito de criança bem aceso. Isso me fez bem... "brincar", mesmo sendo adulto. Tirei muitas fotos, mas não ficaram boas. Essas coisas aconteciam com frequência antigamente. Hoje, com câmeras digitais, já não há inconvenientes com foco, iluminação, revelação, negativos etc. O problema agora são as baterias! *Hehehe!* Lembrem disso!

* * *

Fatos inesperados fazem parte da vida de todos. Não importa o quão preparados estejamos, podemos nos surpreender. Como já contei, no meu tempo de bancário, sempre colaborei com colegas. Sentia-me feliz por isso e esperava certa reciprocidade em um dia que necessitasse. Porém não aconteceu assim, o que me causou certa mágoa. Não guardo rancor, mas vou contar uma experiência negativa, até para que alguém aprenda com minhas histórias. Foi assim... Em uma oportunidade, o Valdemar Brugnera, de Ronda Alta, convidou-me para fazer um roteiro: de Sarandi a Belém (PA), por 28 dias. A viagem sairia dia 1º de fevereiro e voltaria no final do mês. Como eu sempre cooperava nos períodos de férias, cedendo os meses do verão aos outros, tal como expliquei recentemente, acreditava que um dia também teria vez nessa função toda. Então, solicitei as minhas para o período tradicional. Meu chefe, o Gilberto Rech, falou que não haveria problemas. Deveria antes falar com o subgerente... "Que bom!" Mas a resposta que ouvi do outro foi um "Não!", ou seja, negou as férias para o verão, mesmo sabendo da minha solicitude com o pessoal. Isso me frustrou.

Mas tudo bem... Não faltariam viagens para mim. Poderia realizar outras, mais curtas até. Foi o que fiz. Ainda na década de 80, consegui organizar um grupo com pessoas de Sarandi, Carazinho,

Tapera, Não-Me-Toque e Ibirubá para conhecer Buenos Aires. Sim... lá para baixo nos pampas da Argentina . Foi uma viagem e tanto! Lembro que explicava aos excursionistas o quão parecidos éramos com os argentinos, nós, do Rio Grande do Sul, sobretudo. É interessante, que em várias províncias de lá eles falam o "Tchê!", como interjeição, tomam mate e preservam a tradição gaúcha.

Porém, chegando na embocadura do Rio da Prata, onde está a capital argentina, parece que se está praticamente noutro mundo. A Avenida 9 de Julho (nome alusivo ao dia da independência dos *hermanos*) impressionava pela sua largura. Num de seus canteiros, eleva-se o Obelisco. Também chamava a atenção o Teatro Colón, a Av. Corrientes, a Praça de Mayo, a Casa Rosada (Presidência), entre outros locais. Que colossais as colunas da Universidade de Buenos Aires. Percebi que as imponentes arquiteturas daquela cidade portenha revelavam um país rico, provavelmente pela forte agricultura e pecuária da época.

Comi uma deliciosa *parrilla*, churrasco feito na grelha, com cortes diferenciados de carne de terneiro: rins, intestinos,



Av. 9 de Julio e Obelisco. Buenos Aires.



Teatro Colón, na mesma avenida, em 1970.

tripas e morcelas assados. Depois desfrutei de um espetáculo para os olhos: o tango era dançado nas ruas, nos bares, nos restaurantes. Acompanhados de um acordeão, os dançarinos executavam movimentos sutis e enérgicos, entrelaçando-se ou evitando-se em sensual *peleia*. Há muito disso por lá.

Foi muito bom conhecer um pouco da Argentina , para mim era como descobrir mais um pedacinho da América, do mundo. "Há que visitar esse lugar!" Passei a recomendá-lo a amigos e conhecidos, pois muitos já começavam a me consultar para pedir dicas de viagem. Essa confiança me agradava. Porém, não sei dizer se minha segunda profissão causava algum tipo de inveja em alguém. Fato é que sofri ainda outro incidente, desses de saquear as possibilidades...

O Rotary Clube tinha um programa de intercâmbio que proporcionava dois meses na Austrália . Nem faz falta lembrar que seria uma ótima oportunidade para conhecer o país e, de quebra, aperfeiçoar meu inglês. Participei, então, de alguns testes. Havia vários candidatos, mas fui me destacando etapa por etapa até que cheguei à final: uma prova de habilidades



Plaza de Mayo. Ao fundo, a Casa Rosada.



Casa Rosada. Buenos Aires.



Tango em plena rua. Buenos Aires.

com o inglês. Nesse dia, o sub me chamou na Gerência do Banco do Brasil e começou a falar sobre o intercâmbio. Comentou que ele era presidente do Rotary de Sarandi e via isso com muito bons olhos. "Bá tchê... fiquei bem contente!"

Muito bem... a oportunidade se abria de fato e o subgerente viu que eu tinha todas as condições de ser aprovado no dito teste final, mas contraditoriamente disse que não me daria essa chance, porque simplesmente eu não poderia ficar dois meses fora do banco. Argumentei que tinha férias vencidas, mais licença-prêmio e que não causaria problema algum. Frisei que aquilo era imperdível e importantíssimo. Expliquei que iria estudar, conhecer outras culturas, tradições... outro sistema bancário etc. Nada disso adiantou, foi impossível demovê-lo da sua negativa. Detalhe: este sub era o mesmo do episódio anterior... por isso sempre achei que havia alguma coisa contra mim. Nunca descobri, mas agora nem interessa mais, só a lição de que não podemos fazer o que queremos em certos momentos da vida. "Paciência!"

Fui para casa naquele dia desanimado, triste e desiludido. Chorei. Mas jurei a mim mesmo: "Eu vou conhecer o mundo, quer o sub queira ou não!" Então, comecei a por em prática essa ideia. Vejam o que fiz... Para as próximas férias, isso em 1989, dedicaria meus merecidos 30 dias ao estudo de inglês na Inglaterra , da temida Margaret Thatcher, primeira ministra do Reino Unido, a mesma que, um pouco antes, em 82, esteve em guerra contra a Argentina , por causa das Malvinas. "Os ingleses são fogo!" Fui a Porto Alegre buscar informações numa agência de viagens. Juntei um monte de folhetos e tudo o mais que tinha direito.

Voltei para casa a fim de analisar... e acabei desviando do projeto original. Ao conversar com a Maria, que trabalhava com o Zeca, da Aloha Turismo, de Passo Fundo, achei melhor conhecer nove países pelo preço de um. "Sabe de uma coisa, eu vou nesse pacote!" E até um colega de Getúlio Vargas queria ir. Além disso, peguei um período de promoções de voos, do tipo dois-por-um. Que melhor notícia poderia ter? Aproveitaria o desconto e viajaria 28 dias pela Europa.

Nesta viagem, conheci muitas pessoas, com as quais fiz amizade, entre elas a Adeli, que na época era funcionária da Caixa Econômica Federal de Porto Alegre. E foi da capital que decolamos, com a Ibéria, rumo a Barajas, em Madrid. Nossa primeira visita foi à Espanha , por supuesto, terra de patrimônio cultural diversificado. É o segundo país com mais sítios reconhecidos pela Unesco como "da humanidade". Por mais que tenha um espaço geográfico pequeno, é terra natal de grandes, como Pablo Picasso, Plácido Domingos, entre outros.

Lá se desfruta o flamenco, música do oeste da Andaluzia, com melodias entrecortadas por castanholas. Foi intensa a estada neste lugar... Eu só queria apreciar, sair, interagir... principalmente em Barcelona, por seu modernismo cristão, promoção de esportes e até de coisas de dar medo. É isso mesmo... "pavor" eu diria. Não falo das touradas, mas sim dos *encierros*, espetáculos onde soltam touros pelas ruas e correm com eles, em honra a San Fermín de Amiens. "Fosse o santo que fosse... Eu fora!"

O que me surpreendeu nesse país foi a forte cultura. Põem esmero em praticamente tudo o que fazem, à música clássica, às uvas que promovem a vitivinicultura e aos peixes, servidos em grande variedade nos restaurantes.



Encierro nas ruas espanholas.



Igreja La Sagrada Familia, obra do arquiteto Antoni Gaudí. Barcelona.

Quase toda a Europa é rodeada por mares. Obviamente que a psicultura seria bastante explorada por lá. Foi, então, num almoço, quando já estávamos em Veneza, na Itália , que provei um desses deliciosos manjares. E estava com tanta fome que me descuidei... Esqueci de tirar os espinhos. *O que aconteceu?* Engasguei logo no começo da refeição. E lá fui eu comer pão, maçã, tomar água e nada de me livrar do indesejado pontiagudo.

Saímos do restaurante e passamos pela Ponte dos Suspiros. A guia falando, falando e eu com uma raiva daquelas... porque nem podia prestar atenção na história. Estava com aquele problema na garganta. "Fiquei com tanto medo dos touros, e vejam só... fui logo me encrencar com um simples espinho..." Procurei um canto longe do pessoal, coloquei o dedo na garganta e tchan-tchan-tchan... saiu. Só assim pude respirar aliviado, pois sabia que, se não resolvesse o inconveniente, estragaria o resto da viagem.

Em Veneza, tudo se faz por água... Isso mesmo! O principal meio de transporte deles é o *vaporetto* (embarcação fluvial que faz o papel de ônibus), já que a clássica embarcação (gôndola) é mais lenta e destinada a turistas, bodas, funerais e outras cerimônias.



Quando Veneza está em festa, no carnaval, as pessoas desfilam com suas fantasias e máscaras. Não tem como não olhar...

Ficamos em um hotel, a meu ver, o mais antigo da cidade. Cada um tinha que carregar sua mala. Ainda não existiam as com rodinhas. Caros leitores, que sufoco para chegar ao alojamento! Tivemos que cruzar pontezinhas e ruas de pedras milenares... De qualquer forma, Veneza era linda. Nossa! Quanta diferença das outras cidades. Uma novidade a cada hora. Foram dias de muita cultura no centro político e religioso da civilização ocidental. Berço de históricas revoltas e guerras que se expandiram por todo o país. Os venezianos contemporâneos têm um índice elevado de qualidade de vida, estou falando de escolaridade, lazer, serviços públicos etc. A Itália sede de um povo antigo. Quem já não ouviu falar de Michelângelo, Maquiavel, Vivaldi? E globalizada também... Fiat, Ferrari, Parmalat...

Poxa, seria quase um mês viajando! Tinha muita coisa para fazer. Em especial, eu sempre havia sonhado em esquiar. Quando chegamos à Áustria , tivemos a oportunidade de calçar os esquis e... caiiiiiir, rolar na neve daqueles alpes... Esse país era uma província italiana, depois se tornou um império que logo desmoronou com a I Guerra Mundial, tendo sido ainda anexado à Alemanha nazista em 1939, durante aquele trágico episódio da história da humanidade.



Ponte dos Suspiros, entre o Palazzo Ducale e uma antiga prisão...



Basílica de São Marcos, de arquitetura bizantina. Localizada na praça de mesmo nome, é o lugar mais baixo de Veneza. É o primeiro a inundar quando chove muito.

Passamos pela sua capital, Viena, considerada por muito tempo a segunda cidade cultural da Europa. Wolfgang Amadeus Mozart é austríaco, assim como Sigmund Freud.

A França sempre me despertou uma dúvida: "Só eles falam francês?" Descobri que pelo menos mais nove países usam essa língua, entre eles, o Canadá e e a Guiana Francesa, vizinha do Brasil . Confesso que nunca vi tanta cerimônia para comer. À mesa, geralmente seguem um ritual de sequências, primeiro a entrada, depois o prato principal, os queijos e por fim o café. Nada tão complicado, mas na hora da fome até a colher errada a gente pega. Hehehe! As regras de trânsito são levadas à risca em toda a Europa, pelo que notei, e os europeus são bastante rígidos e protocolares também. Não são de puxar assunto em público, como muitos de nós, brasileiros, mas têm outros hábitos que denotam uma fina educação.

Não é à toa que a maioria dos turistas do mundo vai a Paris. E o governo ajuda na conservação de milhares de edifícios, entre castelos, catedrais, basílicas, igrejas, estátuas, memoriais, jardins etc. A França e a Alemanha coupam a terceira posição na lista dos países com mais patrimônios da humanidade, organizada pela Unesco. Mais de



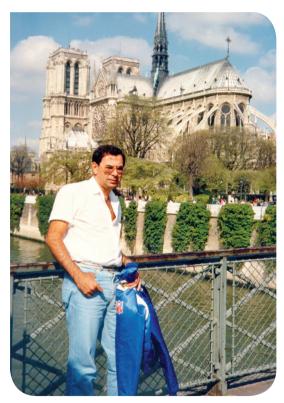
Região de Soldem. Áustria.



Palácio do Louvre. Paris. França.



Champs-Élysées. Paris. França.



Catedral de Notre Dame. Paris. França.

trinta locais franceses estão entre eles, Torre Eifel, Palácio do Louvre, Notre Dame. A mais bela avenida do mundo para mim é a Champs-Élysées.

No último dia, notei que a recepcionista do hotel escrevia com uma esferográfica elegante, mas, entre os materiais de escritório, guardava uma BIC, a caneta... Curioso, perguntei onde havia conseguido. Para a minha surpresa, era francesa, ou seja, uma marca multinacional. "Que gafe!" Depois dessa, achei melhor saber de onde vinham as coisas antes de sair falando... encontrei ânimo até para fazer uma listinha das marcas francesas: Citroën, Peugeot, L'Oréal, Renault, Carrefour, Danone, Louis Vitton... Nada mau para um país do tamanho do Sul brasileiro.

Logicamente, a cultura é muito prezada por lá. Nasceram naquele país grandes ilustres das belas artes, como Delacroix, Duchamp, Matisse. Da música lembro de Debussy... Enfim, há vários... Ah, agora também lembrei do Alain Prost, pois eu gostava

muito de Fórmula 1. E, falando nisso, foi no Principado de Mônaco, uma cidade-estado, ao sul da França, que conhecemos o local onde se realiza a mais charmosa das provas desse esporte sobre rodas. Fui até a curva mais lenta do circuito, o túnel, na subida do Café Paris, pois uma prova seria realizada naquele final de semana. Eram os tempos de Piquet, mas adivinhem quem foi o maior vencedor da história dessa pista? Ayrton Senna, com seis vitórias. "Que orgulho!" Porém que tristeza quando, cinco anos adiante, em 1994, ele faleceu após um acidente... O principado é um lugar de muitos festivais e de muita arte, teatro, televisão, mágica, escultura, pintura, música e até um concurso internacional de buquês. Surpreendente!

Quando pisei na Inglaterra , nem lembrei da primeira ministra, tampouco da rainha Elizabete, mas sim dos Beatles, pois John Lennon, Paul, George e Ringo ainda pareciam estar no ar.



Café Paris. Mônaco... em dia de corrida.

É certo que já haviam passado vinte e tantos anos da fase mais ativa da banda... quando mudaram não apenas o estilo musical, mas a forma de pensar, vestir e pentear de muitos jovens. Aquele país era o polo mundial do Rock e quase ia me esquecendo, o Pink Floid é inglês também. "Nossa!"

O sol não dá as caras com muita frequência por lá, mas quando isso acontece, lugares como o Primose Hill e outros parques lotam. Os ingleses sempre



A cabine de telefone e o ônibus de dois andares em cor vermelha, mais o famoso relógio Big Ben, são os ícones de Londres...



Primrose Hill, à tarde.

tiveram vida culturalmente vibrante. Não é para menos, é a terra de Shakespeare, natural de Stratford-upon-Avon, e do escritor Charles Dickes. A Inglaterra sestá sobre uma ilha e mescla-se cultural e geograficamente com o Reino Unido e guarda muito mais história do que conta este humilde turista e escritor...

Ahh, sabem o OMO, o sabão em pó? É do grupo inglês Unilever. Foi engraçado quando me contaram o que significa a sigla: "Old Mother Owl" (velha mãe coruja).

Eu havia gostado tanto dessa brincadeira de anotar marcas, que logo descobri que a Ericsson e a Electrolux eram da Suécia antes mesmo de entrar neste país. A primeira foi criada em 1876 para reparar telégrafos, a última é mais novinha, de 1919. Hehehe! Os suecos gozam de liberdade sexual e muita cultura. É o terceiro país com mais Prêmios Nobeis de Literatura. De lá surgiram personalidades como Strindberg, Lindgren e a conhecidíssima banda ABBA... Lembram da letra: "If I had to do the same again... I would, my friend, Fernando".

Liechtenstein , um microestado encravado nos alpes alemães e austríacos, foi nosso último anfitrião. Pequenino, mas existe desde o



Crepúsculo em Estocolmo, a capital da Suécia.



Castelo medieval de Vaduz, em Liechtenstein.

ano 976. É rico, porém às vezes lembrado como lavanderia de dinheiro... mas isso há no mundo todo. Sobre o povo de lá, é forte. Eu penso assim porque para aguentar o frio dos alpes... só com muita energia. O esqui é muito praticado por lá e já rendeu medalha de ouro em olimpíadas.

A Centro-Europa foi uma grande experiência para mim... muitos rostos, lugares, amigos e histórias ficaram gravados na memória. Esbaldei-me em coisas novas, mas, para minha surpresa, quanto mais explorava, mais parecia haver para conhecer. Daquelas terras só trouxe uma certeza: que deveria voltar um dia...

* * *

Cada viagem é uma história diferente e cada uma tem pontos bons e outros nem tanto, é claro. Para mim os bons sempre superaram os ruins. Os amigos que fazemos, por

exemplo, são pontos positivos que somamos na vida. Isso sim eu considero em minhas viagens. Os lugares turísticos são interessantes, a cultura que adquirimos é inestimável, e as pessoas... ah, essas são inesquecíveis. Principalmente aquelas que a gente pensa não conhecer, mas logo nas primeiras conversas já nos dão a impressão de que somos amigos de anos.

Lembram daquela Conferência em Santo Domingo? Pois, então, lá conheci um companheiro panamenho de nome José. Ficamos muito amigos e ele sempre me escrevia. Foi dele que veio o convite para ir a outra conferência, desta vez no Panamá em 1990. Adivinhem... eu fui! Desta vez, conheci mais pessoas, como por exemplo o Danilo, de Curitiba, o Afonso, de Blumenau, e o Roberto, de Capitão Leonidas Marques.

Para engrossar o caldo de amigos, lembro que fizemos toda a visita ao Canal do Panamá junto de companheiras colombianas, mulheres de distinta beleza, muito provavelmente pela incrível mescla de europeus com índios e americanos. Elas me contaram que o território panamenho pertencia à Colômbia , mas que por interesses comerciais que envolviam o canal, os Estados Unidos incentivaram uma independência das antigas terras de Simón Bolívar. E aconteceu que os *yankes* passaram a controlar os 82 quilômetros que cruzam o istmo, unindo os oceanos Atlântico e Pacífico, até o ano 2000, quando finalmente o Panamá assumiu. "*Interesse*?"

Bom, com elas, participamos de festas tradicionais. Vimos panamenhas esvoaçarem suas *polleras* no carnaval. Aquele lugar era desenvolvido e tinha de tudo um pouco. Um dia eu e o Roberto locamos um carro para passear, mas era automático. Nenhum de nós sabia dirigir aquilo. Resultado: tivemos que alugar um motorista também. Mas valeu a pena, andamos muito pela capital homônima daquele país. Lembro que fiquei muito lisonjeado com meu amigo panamenho, o José. Ele queria que eu fosse visitar sua cidade. Porém, era longe e teria que ficar mais uns três dias. Como tinha a volta marcada, não pude... Ainda trocamos muitas cartas... mas o tempo, implacável, foi passando



CONFERENCIA JOI "AREA C" PAN RE EMPRESA, UN IMPERATIVO 2 AL 5 DE MAYO DE 1990



Roberto, Jorge e excursionistas colombianas no Canal.

Jorge e Roberto com o Cadilac automático recém alugado.



e a gente vivendo outras coisas... Enfim, faz anos que não tenho notícias dele.

Minha cronologia de viagens não exatamente seguiu o roteiro que aqui apresento, pois eu ainda fui mais vezes ao Paraguai . Ficou faltando contar de minha visita ao Uruguai , um lugar de cultura marcadamente europeia. Porém sobre o lindo tapete verde, *la pampa*, preservam-se ainda muitos costumes gaúchos. O *Museo del Gaucho*, na capital Montevidéu, vale uma visita.

Às margens do Rio da Prata, comi *chivitos*, um sanduíche com um bife fino, alface, tomate e ovo frito. Falar de futebol com uruguaios é dureza... O primeiro que lembram é da *raza charrua* na vitória sobre o Brasil , na Copa do Mundo de 1950, em pleno Maracanã. Charrua é nome indígena, mas nem quis falar nada, pois é praticamente inexistente qualquer influência destes na cultura uruguaia. Por quê? Não sobrou uma tribo... A história deles é cruel nesse sentido. No Rio Grande do Sul foi meio igual. Lá pelos anos 1800 o que se



Montevidéu chegou a pertencer ao Brasil durante o reinado de D. Pedro I... mas logo conquistou sua independência, em 1828, na chamada Guerra da Cisplatina, com o apoio da Argentina.



Palácio Salvo. Praça Independência. Montevidéu.



Playa de los Pocitos, ainda em Montevidéu.

fazia era encher de imigrantes as zonas mais remotas do estado para evacuar os índios... Foi assim na América inteira, na verdade. E não só com os colonizadores não... Incas, astecas e outros nativos também dizimavam tribos menores. Mudam as épocas, mudam os meios. Os motivos são sempre os mesmos...

* * *

Sempre estive envolvido com grupos de viagem nessas recentes excursões pela



Sol, areia e glamour na praia uruguaia mais top: Punta del Este.

América do Sul, mas faltavam lugares para conhecer. Um dia decidi: "Vou para as bandas do alto oeste... quero conhecer Machu Picchu!", no Peru ... Conversei com o Osvaldo e o Waldomiro, da Lopes Tur, em Carazinho. Montamos um roteiro de ônibus. Comecei os contatos e vendi para 26 pessoas. Isso foi em março de 1990. Viajaríamos em outubro. O valor da viagem era de 1.600 dólares. Arrumei excursionista até de Passo Fundo. Tudo estava em ordem e a curiosidade era grande. Queria ver de perto a cidade perdida do império inca. As primeiras parcelas estavam pagas, mas, vejam só... grassou uma epidemia de cólera por lá e o resultado foi que todo mundo desistiu da aventura. A empresa devolveu o dinheiro sem problemas. Porém, fiquei com uma sensação de que havia perdido algo importante. Muito estranho, mas depois pensei: "Machu Picchu que me aguarde!"

Parte III

Aprendizado

Uma viagem cancelada é uma coisa que acontece e até se pode contornar... porém certos eventos são inevitáveis e irrecuperáveis. Nessa mesma década de 90, tive que enfrentar a primeira grande perda familiar. Meu pai Osório nos deixou em junho e tivemos que aprender a conviver com sua ausência. Para a nossa sorte, tínhamos a mãe ao nosso lado, uma mulher de coragem, de muita fé em Deus e de muito conhecimento espiritual. Ela foi um suporte. Já do meu pai, lembro principalmente dos incentivos praticamente a tudo o que eu fazia. Entendo que ele não gostou muito daquela primeira viagem a Porto Alegre, mas depois reconsiderou, ou seja, viu que podia confiar em mim.

Em síntese, a lição mais importante de todas as que ele me passou está explícita numa frase sua: "— Tenha fé em Deus, creia na tua força, sê justo e honesto sempre, tenha amigos, evite inimigos e acima de tudo sê feliz!".

E assim tratei de levar a vida... Continuei trabalhando no banco, filmava casamentos, fazia importações, tinha dois programas na Rádio Sarandi, continuava como membro da Câmara Junior e gostava de estar envolvido em trabalhos na comunidade. Essa interação me distraía e me impulsionava a fazer de tudo um pouco.

Essa foi a forma que encontrei para aliviar sua ausência.

Em março de 1991, o Banco do Brasil estava realizando várias mudanças em sua política de pessoal e alguns colegas deveriam ser transferidos, pois a agência passaria por adequações nesse sentido. Fui, então, chamado à Gerência e me convidaram a procurar uma nova agência para trabalhar. É isso mesmo! Pelo menos foram educados. O problema era que eu estava bem adaptado a Sarandi. Minha vida não era apenas no banco, tinha outros envolvimentos na sociedade. Porém, isso não contava. Precisava mudar e pronto. "*Triste!*"

Se era para escolher, pensei em Passo Fundo. "Mas como?" Bom, procurei um amigo de tempos, o Irineu Bierckauer, na época, chefe do CESEC, UMA UNIDADE DO Banco. Depois de uma conversa muito interessante, ele aceitou meu pedido de transferência. Voltei a Sarandi, pedi minhas férias e viajei. No retorno, já parei por Passo Fundo, comprei um apartamento na Av. Brasil. E assim me instalei nessa cidade em busca de nova vida, novos ares, novos amigos, novos colegas, outros desafios, enfim... vida nova. Observação: Segui os conselhos do meu pai!

Como fui morar noutra cidade, a Lopes Tur resolveu investir na cidade e comprou a agência que era da Real Tur, bem na Av. Brasil, centro. Eu, é claro, fiquei trabalhando com eles. Tinha tempo livre, pois trabalhava no CESEC, no turno da madrugada, da meia-noite e meia às seis da manhã. Assim, sobrava tempo para outras atividades. Lançamos até algumas viagens de compras a São Paulo. Tive grande aprendizado na área de turismo de negócios, além de aumentar o faturamento da agência. Nesse tempo, pela segunda vez, tentei ir a Machu Picchu, no Peru , mas não lembro exatamente o que impedia o roteiro. Por fim, não deu certo. "Paciência!"

Em 1993, as coisas mudaram um pouco e comecei a trabalhar para a agência de viagens Panitur. Com essa oportunidade, conheci muitas pessoas. Não demorou muito para organizarmos uma viagem das grandes pela Europa.

Fiquei empolgadíssimo e o pessoal queria saber por quê, se já havia ido ao velho continente. O motivo era que, desta vez, passaríamos por seis países que eu ainda não conhecia.

O primeiro lugar em que aterrissamos foi na Alemanha . E tínhamos até compromissos por lá. Fomos visitar uma sobrinha da D. Ivanilde Marini, ilustre companheira de viagem. A menina morava em Berlim. Andamos muito por suas ruas recémreunificadas depois da queda do muro de Berlim, que dividia o país social e economicamente. Antigamente, esta cidade havia sido capital do Reino de Prússia, do Império Alemão, da República de Weimar e do Terceiro Reich (de Hitler).



Fernsehturm, um dos ícones de Berlin.



O que restou do Muro de Berlin...



Catedral de Colônia (acima e abaixo), de estilo gótico, na cidade homônima, na Alemanha. Sua construção iniciou lá em 1248...



Visitamos vários museus, pinacotecas e espaços naturais, como o Bosque Permanente Tiergarten, bem no centro da cidade e também o Jardim Botânico. Foram muito intensos os dias em Berlim.

Ahhh, lembram da historinha O patinho feio? Pois é, seu autor, o Hans Crhistian Andersen, é dinamarquês. Lembrei isso assim que ingressei na Dinamarca . O lugar é de uma forte tradição cristã, assim como em meu país. Lá eles também têm o Dia da Mentira (1º de abril), porém, além das brincadeiras, é costume encenar histórias bizarras. Em Copenhagen, capital, paramos em um hotel bem interessante. Ficava no meio da guadra... quero dizer: no centro, dentro da quadra. Legal, não é? Só que isso foi um problemão para a gente, pois, depois de haver passeado durante o dia todo, o que mais queríamos era voltar ao hotel para descansar... mas quem disse que encontraríamos o dito? Simplesmente não sabíamos como localizar o



Em Brandenburg, na Alemanha, está o Oeanninburg, um campo de concentração da Il Guerra, local de energias muito negativas.



Travessia em um ferry, da Alemanha para a Dinamarca.



Nyhavn, Copenhagen.



Igreja de mármore.

edifício... e estava ficando cada vez mais frio e escuro. Não deu outra, tivemos que nos separar, a Ivanilde e a sobrinha dela para um lado, eu para o outro.

Fui por instinto e sorte bem na direção que realmente estava o hotel. Encontrei-o escondido entre os outros prédios. "Ufa!" Voltei até o ponto de reencontro combinado e guiei elas até nossas acomodações. Estava frio mesmo! "Ah, se não fosse nosso trabalho de equipe..." No outro dia, tivemos tempo de conhecer o Teatro Real, que, com sua gamle scene, suporta mais de mil e quinhentas pessoas... e também fomos à Igreja de Mármore de Copenhague.

Lembram daquele famoso escritor, Kafka? Ele escreveu o livro *A metamorfose*? É de Praga, capital da República Checa . E nós estivemos lá. Um lindo lugar, cheio de história e encantos. O clima continental (ou seja, *rigoroso*: verão de ferver e inverno de congelar) judiava um pouco. *Hehehe!* Pela etimologia do nome dessa cidade já se pode ter uma ideia. Só os celtas mesmo para aguentar. A história mais recente do país é dicotômica também. Nasceu da divisão



Rio Vltava, visto do Parque Letna. Praga.



Relógio astronômico em Praga. Rep. Checa.



Vista do Danúbio, com o Parlamento à direita de suas margens, logo depois da ponte.



Em algum lugar da Hungria...



Águas termais em Budapest. Hungia.



Em frente ao monumento aos mortos da II Guerra. BudaPest.

da antiga Checoslováquia em dois novos países: Rep. Checa e Eslováquia . O Bohemian Switzerland National Park merece uma visita.

Já na capital da Hungria , tivemos outra experiência inesquecível. Situa-se às margens do Rio Danúbio. É conformada pela união das cidades Buda e Pest com Óbuda, ainda no século XIX. No centro, havia uma profusão de carros, ônibus e bondes, desses que andam sobre trilhos encravados nas ruas. A propósito, usamos muito esse meio de transporte. É impressionante saber que num lugar bombardeado na Segunda Guerra ainda seguem de pé o Castelo de Buda, o edifício do Parlamento e o Palácio Fresham. Estes prédios têm suas fachadas iluminadas à noite. Imperdíveis!

Nesse país de influências orientais e ocidentais (de mil anos) é possível comprar porcelanas pintadas à mão, cristais, rendas, tecidos e trabalhos de olaria. E vejam só... a Hungria me lembrou Marcelino Ramos, no quesito águas termais. Não deixei de tomar meu banho quentinho. Só em Budapeste há mais de 70 fontes. Como bem se sabe, são excelentes para o tratamento de doenças reumáticas e dores artríticas. Não que eu já precisasse, mas sempre é bom prevenir. Hehehe! Outra coisa, investiguei sobre a Fórmula 1 e descobri que Senna e Piquet também fizeram sucesso nas pistas húngaras. Porém, algo que presenciamos por lá foi o Festival da Primavera... Impossível entediar-se...

Antes mesmo de entrar na terra da Princesa Juliana, fui buscando informações sobre a Heineken e a Philips, empresas holandesas, ambas do século XIX. A Holanda = também tem história no futebol e é muito popular na patinação sobre gelo. Quando o gelo acumula 15 cm, eles realizam a Corrida das Onze Cidades. O nome é autoexplicativo. Os holandeses são muito bons com datas de

aniversário e quando festejam, geralmente em casa, não se escuta mais do que o ruído dos convidados conversando. Ah, é dever cumprimentar a família inteira, não apenas o aniversariante. Muito simpático, não é mesmo?

Ao passar pela Eslovênia , fiquei sabendo que esse país era novinho em folha, de 1991, independentizado da Yuguslávia , depois da chamada Guerra dos Dez Dias. Além do esloveno, eles falam o húngaro e o italiano. Sua capital, Liubliana, era uma das cidades mais importantes da época romana.



Famosos canais de Amsterdã, capital dos Países Baixos. Em português falamos "Holanda", todavia parece que é impróprio, pois esta é apenas uma das regiões dos Países Baixos...

Já voltando para casa, pisamos novamente em Munique, na Alemanha , numa estação. Esperávamos pelo trem para Viena. Cinco minutos antes da partida, às 4:02 da tarde, resolvi comprar um cartão postal e subi por umas escadas até umas tendas. Só ouvi o apito do trem, anunciando a saída, a plataforma de embarque, tudo pelo autofalante... Saí numa disparada e cheguei até a lembrar do sufoco na minha primeira viagem ao Paraguai o problema é que na Europa não existe o famoso "jeitinho!" Desci aquelas escadas como água e assim que entrei no vagão, as portas se fecharam atrás de mim. *Ufa!* Quase que fiquei! Depois dessa, são e salvo, a caminho do Brasil , para me distrair, comecei a revisar minha listinha de marcas alemãs conhecidas: Adidas, Puma, Bayer, Nívea, Faber-Castell, Melitta, Bosch, Wolkswagen...

Antes do fim do ano, senti estar em dívida com a América, afinal conhecia vários países europeus e nada de explorar o meu próprio continente. Pensei no Chile Conversei com a Maria Alda Tonial sobre as possibilidades de formarmos um grupo... Fiquei desconfiado quanto à aceitação do pessoal, mas de duas uma: ou eu inspirava muita confiança ou foi coincidência, porque conseguimos mais de 30 pessoas para a aventura. Isso era ótimo, porém, que responsabilidade! Tive que aprender um pouquinho



Santiago, capital do Chile. Pitoresca e imensa.

sobre o Chile Aquele estreito, mas longo país, tem um dos formatos mais incomuns do mundo, 4.200 km de comprimento, 170 km de largura. Lá está o Deserto do Atacama.

Não existe outro menos árido no planeta. Há também florestas geladas e úmidas, ao sul, na patagônia chilena. Que diversidade! E dizer que tudo isso foi de domínio espanhol e depois sofreu influências inglesas, francesas e alemãs. Um país e tanto! Visitamos Santiago do Chile apenas, mas tenho mais para contar sobre suas outras atrações turísticas adiante... Não percam!

* * *

Que os leitores busquem um copo d'água se sentirem sede, porque eu vou abrandar a minha com outra viagem. Voltei muito confiante de meu último passeio lá para as bandas dos Andes, imaginando que poderia fazer viagens até para Marte que conseguiria passageiros... "Que fase boa!"

Dessa vez, queria ver as pirâmides egípcias. E vocês já sabem como sou. Foi questão de decidir, planejar e *bingo*. Então, comecei a convidar o pessoal e quando comentava das pirâmides, das mesquitas, do deserto, das múmias, eles arregalavam os olhos. "Estão gostando!", pensava eu, mas a verdade era que ninguém se interessava em ir... Resolvi deixar de lado a parte do deserto e das múmias, mas não adiantou. Que problema! Não me dei por vencido, convidei a Tânia e a Dalva ainda quando estávamos trabalhando no Cesec/Banco do Brasil. Juro que pensei que por serem mulheres não aceitariam... Que nada! Surpreenderam-me e até prometeram convidar mais uma amiga, a Marilise, da Caixa Econômica Federal. E foi assim que consegui companhia. Interessante, não? O roteiro incluía três países em 15 dias, cada um com um atrativo fascinante: pirâmides, religiosidade, beleza...

Embarcamos (via Roma) para o Cairo, capital do Egito , o primeiro de nosso itinerário. Voamos com a Alitalia. Chegando lá, um problema: entender os árabes. Que sufoco! Minguamos até encontrar nosso guia. Por sorte, o nosso era um paulistano, ou seja, nativo. *Ufa!* O camarada foi muito legal conosco. Mostrou muitas coisas e lugares interessantes. Ele explicou que, por causa dos rios Nilo e Delta, naquela zona se aglutinava uma das maiores populações africanas. Ele contou que a história do Antigo Egito é vastíssima e se divide em três Impérios: *a) Antigo:* onde floresceram as artes e as gigantescas construções; *b) Médio (2050-1800 antes de Cristo):* de descentralização e esplendor econômico; *c) Novo (1567-1085 a.c.):* de expansão e conquista de povos vizinhos, sob o mando de faraós da XVIII Dinastia. Então, os persas acabaram com esta última dinastia lá por 341



Cairo, radiante ao amanhecer...



...enigmática durante o dia...



...cálida no pôr do sol.

a.c., tendo sido estes depois derrotados por gregos e romanos no ano 30 a.c., ou seja, uma sucessão de povos.

Anoitecia em Cairo, quando o guia convidou a gente para ir até um bairro popular e ver como vivem os egípcios de verdade. Foi uma experiência nova, *in natura*. Muita agitação nas ruas. O que marcou o passeio foi um pastel com carne de carneiro. Era apimentado, cheguei a suar. No outro dia, visitamos as pirâmides de Guiza, a Grande Esfinge e o Museu do Cairo. Ficamos pertinho do tesouro de Tutankamon.

Numa das manhãs na capital egípcia, minhas companheiras resolveram passear um pouco, já que tínhamos um dia livre. Eu fiquei no hotel para sair mais tarde. Porém, recém haviam saído, escutei seus passos correndo de volta para a recepção. "O que aconteceu?", perguntei, ao que elas responderam quase terem sido apedrejadas... Claro, elas saíram para a rua de bermuda e blusa sem manga. Enquanto alguns egípcios se indignavam com as roupas curtas, outros queriam tocá-las... Imaginem só! Sabem como elas passaram a sair pelas ruas depois dessa? Com roupa até o pescoço.

No outro dia, fomos de avião para o sul do país, trinta minutos. Cabiam vinte pessoas. Excelente! Chegamos em Luxor, um calorão, aumentado pela informação de que, salvo por algumas savanas e estepes, o Egito \longrightarrow era ocupado em grande parte pelo Deserto do Sahara, que se estende do Mar Morto, perto de onde estávamos, até o Oceano Atlântico. "Areia pra caramba!", pensei.

Visitamos o templo de Karnack, o maior de todos. Dentro dele está o de Amón. Os muros que o cercam tinham oito metros de espessura. Em sua construção, intervieram faraós como Hatsepsut, Seti I, Ramsés II e III. Estávamos do outro lado do Nilo e aproveitamos para fazer um passeio por este rio. Vimos um pôr-do-sol muito lindo, de cores muito intensas. E imaginar que (por incrível que pareça) eles cultivam algodão e outros artigos de subsistência naquele clima hostil... Bom, não se pode viver só de petróleo e turismo...

Senti falta de uma coisa lá no Egito \implies : visitar Alexandria e seu Farol, que está na baía da cidade de mesmo nome. Foi construído por um engenheiro grego, Sóstrato de Cnido, a mando de Ptolomeu. Dentro dele ardia uma chama que, através de espelhos, mandava sinais de luz por até 50 quilômetros. "Numa próxima, quem sabe!"

A aventura deveria continuar. Próximo destino: Israel . Estávamos a caminho do que nos tempos modernos chamamos de Terra Santa. "Que emoção!" Só de chegar ao aeroporto, uma sensação incrível me invadia. Parecia que flutuava. Também, pudera, saía de um lugar marcante e chegava noutro, de mais de quatro mil anos de tradições, onde, mais recentemente, judeus de todo o mundo chegaram com suas tradições culturais e religiosas. Primeira coisa: ir para o hotel, acomodar-se e

bisbilhotar sobre isso tudo. De cara, tudo lá era diferente, a começar pelo calendário hebraico... festas judaicas, dia de descanso (o shabat) etc. No dia seguinte, cedo, nosso guia chegou e iniciamos o tour. Conhecemos Tel Aviv, um lugar de praias incríveis, cafés e lugares de devoção. Uma pena que foi alvo de muitos bombardeios na Segunda Guerra Mundial e também na Guerra do Golfo. Depois dali, a 90km, estávamos já em Haifa, cidade de importância econômica para o país. Abriga parques tecnológicos, um porto industrial e uma refinaria de petróleo. Lá é possível visitar o Parque Nacional de Monte Carmelo e até a Caverna Elijah, com os restos de um neandertal (o primitivo Homo Sapiens). Nosso guia em Israel 🛥 era de origem espanhola, mas falava um português bem entendível...

Como estava empolgante a visitação, nos juntamos com outras pessoas e formamos um grupo de doze. Visitamos Cesárea e conhecemos Kibutz, uma colônia agrícola. Havia alguns brasileiros que vieram conversar conosco sobre como era a vida por lá. Tudo era feito de forma voluntária, seguindo uma ideologia sionista socialista. Isso mesmo, lá tudo era de todos.



Tel Aviv, a segunda maior cidade de Israel.



Nahalal foi o primeiro moshav (colônia agrícola) em Israel, semelhante ao Kibutz.

Eles pregavam o seguinte: "para um povo ser livre, deve produzir seu próprio alimento". Muito simples isso e, a meu ver, correto. Lembro que, naquela tarde, paramos embaixo de uma frondosa oliveira para conversar e analisar nossa viagem. Os kibutz foram essenciais ao desenvolvimento da economia de Israel , pois supriram quase que exclusivamente as necessidades alimentícias do país.

Jerusalém também foi nosso destino... "Que cidade encantadora!" Na ida, ainda na estrada, paramos no local onde os discípulos de Jesus descansaram, na estalagem de Emaús. Tentei conversar com alguns pastores que ali estavam. Insistiram para que fôssemos visitar a Mesquita da Cúpula da Rocha, local onde Abraão levou seu filho Isac para sacrificá-lo. Assim conta a história. E seguimos o conselho deles... eu até pude tocar a rocha. Andamos pelo Muro das Lamentações e refizemos a Via Sacra. O Santo Sepulcro foi muito emocionante. Também fomos até Belém visitar o lugar onde nasceu Jesus e deu tempo de ver a Igreja da Anunciação e ainda



Mesquita da Cúpula da Rocha. Jerusalém.



Igreja da Anunciação, em Nazaré, norte de Israel.

o local do primeiro milagre de Jesus, em Israel . No Rio Jordão, participamos de um batizado. Foi tudo muito intenso. Imaginem... estivemos onde Jesus fez o Sermão da Montanha. Aí pude, finalmente, estar a sós com o Senhor. Fiz uma oração especial ao meu falecido pai... limpei

as lágrimas e voltei em companhia do pessoal. O passeio estava valendo muito a pena.

Estivemos inclusive no Mar da Galileia, por cujas águas doces os cristianos acreditavam que Jesus havia caminhado. Mais ao sul, está o Mar Morto, que também tem o Rio Jordão como um dos afluentes, mas, na verdade, é um lago de água salgada e de tão alta concentração que se pode boiar com facilidade dentro dele. Tem altos índices de cálcio, magnésio, potássio e bromo, mas para entender melhor esse fenônemo, deixo a explicação para um químico e um geógrafo. *Hehehe!*

Tanta coisa aconteceu... e o bom é que vinha mais aventura pela frente. A Grécia era nossa próxima parada. Isso mesmo, lá onde muitas artes alcançaram o ápice do engenho humano em busca da perfeição. Falo das estátuas de Afrodite, do templo de Zeus, além de pinturas



Grécia... um verdadeiro cartão-postal.



Partenon, templo da deusa grega Atena. Grécia.

em cerâmica e arquiteturas, como a do Partenon. Essa nação também foi berço de muitas ideias filosóficas e científicas que inspiram até hoje nossas vidas. Quem lembra do estadista Aristides, do comediante Aristófanes, do filósofo Aristóteles e de seu aluno Alexandre Magno? Quem já ouviu falar de Euclides e de seu aluno Arquimedes? E do dramaturgo Ésquilo? Dos médicos Galeno



Templo de Zeus. Grécia.



Mykonos, uma das muitas ínsulas gregas.

e Hipócrates? E de Leônidas, famoso por ter resistido com 300 espartanos ao imenso exército persa? Pitágoras, Platão, Sócrates? Lembram de Êsopo, o autor da fábula *A raposa e as uvas*?

Falar da Grécia e seus próceres poderia encher páginas, mas deixei um pouco de lado a história, pois tínhamos um cruzeiro a realizar pelas Ilhas Gregas (há mais de uma centena delas). Fazia calor na saída, mas quando estávamos navegando longe do porto, esfriou. E eu de camisa de manga curta. Fui buscar um agasalho, mas lembrei que tinha saído com a roupa do corpo apenas. Ai ai ai... achei que estaria quente, tal como no embarque. Por fim, ao chegar à Ilha de Mikonos, corri a uma loja, comprei um moletom e só depois parei de tremelicar. Na volta, à noite, as gurias ficaram no hotel,

jogando carta. Eu saí. Fui jantar, porém "Ops!... Como vou pedir o que quero comer, se não falo grego?" Lembrei da minha primeira refeição paraguaia. Vai ser outra novela aqui... mas até que não. Por sorte, consegui encontrar um restaurante onde os atendentes falavam espanhol. Estava em casa. Na noite seguinte, levei as gurias para jantar lá... Visitamos vários locais importantes de Atenas. A montanha de Zeus, a Acrópole, o Estádio Olimpiko, onde está a chama Olímpica, afinal estes jogos nasceram na Grécia ...

Já de regresso, passamos pela Itália . As gurias queriam passear por Roma. Eu fiquei no aeroporto, esperando o voo da volta. E como esperei... onze horas. Resultado: procurei um lugar para descansar no chão mesmo. Dormi. Embarquei com destino a São Paulo, depois Porto Alegre. Não gostei de voltar sozinho e me emburrei um pouco. Mas é claro que, no final, a sensação é de que valeu muito a pena... Quando a excursão é boa, pisamos leve por muitos dias. "Fantástico!"

* * *

Não sei se o que sentia na volta dessa última viagem era uma premonição. Não sei mesmo... Falo isso porque em junho de 1995 tive outra grande perda familiar. Dessa vez, meu irmão Olavo, de Sarandi, que sofreu um grave acidente numa entrada próxima a Passo Fundo e não resistiu aos ferimentos. Foi um grande choque para a família inteira. Sofremos muito e isso mudou bastante nossas vidas. Ele havia incentivado muito todos os meus projetos... Para completar a época de surpresas desagradáveis, fui transferido do Cesec Passo Fundo para a Agência de Jacutinga, próxima de Erechim. Aprendi que as mudanças quando vêm, parecem vir todas juntas. "Que coisa, tchê!"

Por outro lado, entendi que a morte parece que vem para mostrar o verdadeiro valor da vida. Há que viver intensamente, aproveitar ao máximo nossa passagem por este mundo. Enfim, depois de um tempo trabalhando em Jacutinga, uma amiga de Sarandi, a Ângela Tasca, propôs organizarmos uma excursão à Europa. Eu já havia conhecido um pouco de lá. Minha última viagem grande havia sido para aquele continente. Senti um certo *déjà vu* e, ademais, andava meio pensativo depois dos últimos incidentes familiares... Todavia, pensei com carinho: "Para que serve uma viagem?" É para dar uma acalmada na alma, é para relaxar, conhecer novos lugares e pessoas, ampliar os horizontes... Então, procurei a Ângela e disse: "Eu vou!"

Contatei com a agência Mala e Cuia, de Porto Alegre, porém, nesse meio tempo, o Celso Domingues (*in memoriam*), diretor da Travelpass, de Passo Fundo, estava preparando grupos nacionais e me convidou para ajudá-lo. Expliquei sobre meu projeto para a Europa e ele até me deu uma força, inclusive com o câmbio, pois administrava uma operadora. Então, fiz negócios com ele. Cobrava dos clientes em dólares e aplicava na sua empresa. Com o lucro, compramos todos os opcionais para o grupo. Estávamos em 36 pessoas, entre nós, a Nilva (uma colega de banco), o Sergio Dall Agnol, o prof. Paulo, o Ari Franciosi (de Passo Fundo), alguns amigos de Sarandi, minha cunhada Oscilda, mais a Beatriz (de Carazinho) e outras pessoas de Sapiranga.

Tudo parecia perfeito, porém, quando estávamos chegando a Porto Alegre, o prof. Paulo me procurou e disse entredentes: "Esqueci o principal..." E eu não entendi bem: "O quê?" E ele respondeu: "Todo o meu dinheiro ficou em casa." Coloquei a mão na cabeça. "Bah, que problema!"

Mas o que fazer? Imprevistos acontecem. Quem viaja tem que saber disso. Pensei um pouco e então procurei o Paulo Vedana, da agência Mala e Cuia. Ele emprestou mil dólares para o professor viajar. "Feito!" Embarcamos pela TAP, com destino a Lisboa, em Portugal . Chegamos lá e fomos direto ao hotel, como sempre. E eu, que precisava de um banheiro, ao me deparar com



Ciclismo na Praça Marquês de Pombal, em Lisboa.

Transvias na Praça do Comércio.



"quartos de banho", fiquei na dúvida... depois descobri que era a mesma coisa. Pensei que o português deles fosse igual ao nosso. "Hum! Não, Não!" Ledo engano. Nessa interação de colonizadores versus colonizados, eu que não causaria confusão... Comentei isso com a Mercedes, nossa supersimpática guia em todo o trajeto, e ela esclareceu várias palavras que facilmente nos causariam alguma confusão na comunicação com os portugueses. Anotei as que mais me serviriam. Vejam só: ônibus = autocarro; trem = comboio; cafezinho = bica, biquinha; suco = sumo; aeromoça = hospedeira de bordo; bonde = eléctrico; freio do carro = travão; pedestre = peão.

Na hora dos tradicionais passeios, eu, que era guia do grupo, guardei todos os passaportes na mochila. Como já sabíamos, Portugal era uma potência, pois seus

domínios iam até o Brasil e as Índias Orientais. O que não sabia era a imensa variedade étnica que formou seu povo desde três mil anos atrás: tartessos, celtas, fenícios, cartagenos, gregos, romanos, alemães, muçulmanos e judeus. Vasco da Gama foi um nome que ouvimos muito, em relação às Índias (aquelas do outro do lado do continente africano, via mar), onde havia estado ainda em 1498. A Mercedes também falou, oportunamente, de Luis de Camões, aquele que escreveu *Os Lusíadas*. Esse livro conta as viagens e aventuras dos descobridores portugueses. Depois lembrou que José Saramago e Eça de Queiroz também eram de lá.



Detalhe do monumento a todos os navegadores que participaram da era de descobrimentos. Lisboa. Portugal.

Enfim, enquanto vislumbrávamos o Monumento ao Navegador, encostei a mochila num muro empedrado e fui tirar fotos do pessoal. A praça fica em frente ao Monastério dos Jerônimos, ainda em Lisboa, e tem na sua escultura principal basicamente a proa de uma embarcação com várias pessoas em pé olhando para o horizonte. Voltei para o autocarro (ônibus) com uma sensação estranha e ainda avisei o pessoal a plenos pulmões: "Cuidado para não esquecerem nada por aí!", ao que o motorista me respondeu: "E quem será que esqueceu uma mochila lá no monumento?" Só aí que fui dar falta da minha bagagem de mão. "Mas bah, o esquecido sou eu?" Corri desesperado, com o coração batendo no peito, como louco mesmo. Vi a mochila exatamente onde havia deixado. "Ufa!"

Para encerrar nossa passagem por Portugal , fomos comer bacalhau. Simpatizamos com um garçom, que revelou que a grande maioria dos brasileiros imigrantes de lá trabalhava em residências, hotéis, restaurantes, lojas etc. Até nos contou outros significados de palavras, como por exemplo: concreto (de construção) = betão; fila = bicha; trecho (de estrada) = troço... Resultado: muitas gargalhadas. Aquele roteiro estava muito bom...

Nosso próximo destino: Espanha . Visitamos a cidade de Madrid, lugar de arranha-céus, muitos parques e serras ao fundo. É o centro do país, literalmente. Na terra de reis e rainhas, respira-se cultura, desde as arquiteturas históricas, como a religiosa Basílica de San Francisco, a Estación de Atocha, o Palácio de Comunicaciones, entre outras... Depois de conhecer a capital, fomos a Toledo, uma cidade medieval. Isso está bem evidente na Puente San Martín, no Museu de Santa Cruz, na Puerta de Bisagra e na Catedral. Está numa província de mesmo nome e também é reconhecida como



Palácio de Comunicações e Fonte de Cibeles.





Palácio Chambord, na França.



Palácio de Hofburg, em Viena. Áustria.





Cervejaria Hofbräuhaus, Munique.

Schönbrunn, Viena.



"das três culturas", por ter sido povoada por cristãos, judeus e muçulmanos. Lá, ouvimos o nome de Miguel de Cervantes, espanhol, o famoso autor de *Don Quixote de La Mancha*, que tinha como fiel escudeiro Sancho Pança.

Na França , mais exatamente em Paris, a eterna capital das luzes, levei o pessoal para desfrutar de seus monumentos mais famosos, como a Torre Eiffel, o Arc d'Triunf, a Catedral de Notre Dame, a Catedral de



Grupo de Sarandi na Áustria.

Madelaine, a Av. Champs Elisees e o Palácio de Versailles, com luxuosíssimos aposentos imperiais, salão dos espelhos e jardins. Fruto da minha primeira visita a este país, anos antes, aprendi uma coisa sobre falar com um francês. São de fina educação. É quase que inadmissível, por exemplo, não dizer *Bonjour!* (Olá!), antes de qualquer conversa, ou logo ao entrar numa loja.

Onde fomos depois? Viena. Ah, a Áustria , que país lindo! Caminhamos por algumas praças, repletas de flores, mesmo em tempo gélido. À noite, fomos jantar em uma cantina e flagramos um show de valsas. Até dançar foi possível, devido à alegria do lugar. Visitamos o Palácio da Rainha Sissi Schonbrunn, com seus 1.440 apartamentos, de jardins enormes. Na Alemanha , o frio castigava até nos dias de sol. Imagino que era porque em Munique também havia alpes. Naquela

cidade são fabricadas as melhores cervejas do mundo (dizem), sendo a mais famosa a Hofbräuhaus, fundada em 1589 pelo Duque William V para seu uso exclusivo. Foi aberta ao público apenas em 1828. O seu edifício fica no meio da cidade e é muito visitado. Tem até hino próprio. Ali também funciona um restaurante, onde se pode comer carne de porco, joelho e vários tipos de salsichas. A música típica alemã é tocada todo o dia (sem pausas). Coisas da cultura bávara. A arquitetura mais impressionante pode ser vista da Marienplatz (Praça de Maria). Lembram do meu costume de anotar as marcas multinacionais? Audi, BMW e Mercedes Benz também são alemãs.

Queríamos ir à Suíça • A ideia era cruzar para o outro país por um túnel... só que ainda estávamos do lado alemão e caía uma grande nevasca. Trânsito parado. De dentro do ônibus, víamos a neve se acumulando e não nos aguentamos: tiramos fotos e até rolamos naquele tapete natural. Foi

lindo! Mas a demora começou a nos preocupar. Alguém disse que aquilo estava ficando "assustador", não lembro quem. "Era o que faltava!", pensei. Então, a guia veio nos acalmar. Ela disse que do outro lado o tempo poderia apresentar-se de três formas: igual, pior ou melhor do que o que estávamos enfrentando. "Isso que eu chamo de acalmar os turistas!" Por fim, a coisa andou... e para a alegria de todos, em Zurich o tempo



Zurich, a maior cidade da Suíça.

estava bom, fazia um lindo dia de sol e andamos de trem pela cidade. Descobri que a Nestlé, aquela marca de chocolates e outros alimentos, é suíça. Eles tinham tradição em fabricar queijos também, desses com bolhas de ar, entre outras coisas.

Chegamos a entrar em algumas lojas de relógios. Dizem que os suíços não são esbanjadores, mas gostam de vender coisas para quem é. De cara vi um Rolex... legítimo. O preço? Uma bagatela: 700 euros, mas havia de até 14 mil. Porém, quem acha que num relógio a precisão, a resistência à água, ao frio, ao calor e a choques não bastam, pode agregar diamantes à peça, e até rubis e esmeraldas... mas tem que desembolsar perto de um milhão de euros. *Hehehe!* Os conterrâneos do escritor, filósofo e músico Jean Jackes Rouseau que me desculpem, mas minha curiosidade foi para um lado mais cortante das invenções suíças: um canivete. Sim, o famoso canivete suíço, desses que

vêm com abridores de latas, chaves de fenda, serrinhas etc. Comprei outras coisas também, é claro.

Na Itália , estivemos em Assis, num mosteiro, e apreciamos as relíquias de São Francisco. Nesse local, lembrei do livro e filme *Em nome da rosa*, do italiano Umberco Eco. Em Pádua, visitamos a Catedral de Santo Antonio e a torre inclinada de Pisa.

Passamos por Veneza, lá no norte do país. Acreditem se puderem, esse lugar tem mais de cem pequenas ilhas



Em Assis está o mosteiro de São Francisco.

unidas por pontes. Já em Verona, muitas casas juntinhas. Naquele aperto, conseguimos encontrar a moradia de uns amigos nossos, de Sarandi. "Legal!" Jantamos lá e fizemos uma festa. Bebemos, cantamos e relembramos os tempos idos.

Seguimos em direção a Nápoles, ainda na Itália . Fomos conhecer Capri e Anacapri, dois municípios numa mesma ilha. Tomamos um barco e, durante o passeio, uma moça de Sarandi (não lembro o nome) passou mal, por causa da marulhada, creio. Quando chegamos a Capri, a mulher estava amarela, muito diferente do azul que nos circundava. Procurei uma farmácia. Precisava de algo para o estômago. Consegui. Ela passou bem. Nesse dia, choveu bastante e não foi possível visitar a Gruta Azul, onde a água tem uma cor anil surreal, por causa de um efeito de refração, que tem a ver com a luz que entra pela janela submarina. Complicado não é? Mas tinham que ver as paisagens maravilhosas lá do alto do Monte Solaro.



Capri.

Anacapri. Vila San Michele.



Praça São Pedro, no Vaticano, lotada.

A Itália 6 o país com mais patrimônios culturais da humanidade, segundo a Unesco. Nossa próxima parada foi em Roma, onde passeamos, conhecendo (alguns relembrando) seus principais pontos turísticos. Na primeira noite, jantamos numa cantina típica. O proprietário soube que éramos brasileiros e veio com seu violão nos recepcionar. Cantou músicas italianas e nós acompanhamos. Visitamos, no dia seguinte, o Vaticano , um estado independente dentro do território italiano. Lá vivia o papa João Paulo. De longe o vimos dando a benção na Praça São Pedro. Visitamos, ainda, a Capela Sistina e a Igreja de São Pedro. E, imaginem, dentro da Itália , há outro estado independente, San Marino , a mais antiga república constitucional do mundo, porém minúsculo, com 61 km² de superfície aproximadamente.

A viagem estava muito emocionante, mas chegava ao fim. Era hora de voltar. Ao chegarmos a São Paulo, fiquei contente por não havermos passado por mais nenhuma ocorrência grave. De Porto Alegre para casa, seria um pulo... e eu ali com uma sensação de que algo em mim tinha mudado.

* * *

E não só comigo as coisas mudavam, com o governo também. Em 1996, por exemplo, a política nacional era a de desativar unidades pequenas do Banco do Brasil. A Agência Jacutinga foi fechada. Trabalhei lá até o final de maio. Depois, voltei a Passo Fundo, mais exatamente, à Agência Centro, em junho do mesmo ano. Muita coisa se transformava aceleradamente por conta das novas tecnologias. Fiquei sabendo que no Cesec de Passo Fundo, onde havia trabalhado, uma única máquina fazia a triagem de cheques, dispensando várias equipes de digitadores.

Não sei se era o clima de novos tempos que esfriava meu gosto por aventuras. Não que fosse parar, pelo contrário, eu estava planejando novas viagens... desta vez para os extremos do planeta.

Convidei duas colegas, a Noêmia, de Passo Fundo, e a Marisete, de Getulio Vargas, mais a Adeli, minha amiga, de Porto Alegre, para irmos à Patagônia, na *Tierra Del Fuego*, lá nos pés da Argentina . Isso foi em 1998. Para essa viagem, tivemos que ir até Buenos Aires e de lá voar pelas Aerolineas Argentinas até Rio Grande. Depois, passamos por Rio Gallegos, onde existem várias pesquisas de animais pré-históricos. Fomos visitar um museu. Havia uma grande sala, que estava sendo preparada para receber o esqueleto de um dinossauro descoberto há pouco na região. Que





Hospitalidade em Península Valdes...





Reunião com amigos... e banho para refrescar...

pena que ele ainda não tinha chegado, mas havia outros atrativos...

Visitamos também Trelew, onde está a Pinguinera, habitat de colônias de pinguins antárticos. Dedicamos um tempinho para Puerto Madryn. De lá, pode-se avistar baleias francas, golfinhos, pinguins

e elefantes marinhos (focas). Também visitamos El Calafate. Embarcamos num aviãozinho de dar medo, eram apenas dez passageiros. Sobrevoamos boa parte dos Andes até chegar ao nosso destino, ainda na Argentina - Desembarcamos numa pista de pouso que eles chamavam de "aeroporto". De lá, fomos para o hotel. Fazia um frio de menos cinco graus. Primeira visita: Glaciar de Perito Moreno. "Que fantástico!" A vista era monumental. Com um barco nos aproximamos, mas foi com um bote que deu para chegar bem perto do glaciar. Navegávamos entre icebergs que se desprendiam da geleira. Um frio, um frio... mas voltamos ao anoitecer e dormimos bem aquecidos.

No dia seguinte, eu e a Adeli, resolvemos ir até o pé de uma montanha nevada. Saímos bem cedo, depois de preparar um pequeno almoço,





O glaciar Perito Moreno é uma grossa camada de gelo localizada no departamento Lago Argentino, província de Santa Cruz, na Patagonia, sudoeste da Argentina.



pois pretendíamos voltar à tarde. Caminhamos pelo campo, depois por uma estrada empoeirada, atravessamos uma cerca e andamos mais de duas horas. Era meio-dia e deveríamos estar a mais de

dez quilômetros do hotel. Paramos para almoçar. "Que calor!" Tiramos fotos do local e marcamos um ponto de referência para não nos perdermos. Caminharíamos até as três da tarde, se não alcançássemos a montanha, voltaríamos ao dito ponto. Resultado: parecia ficar mais distante à medida que andávamos. Vertigem? Não sei, não ficamos lá para descobrir. Percorremos muitos quilômetros pelo campo para alcançar uma estrada. Queríamos voltar ao Hotel... mas não tinha fim aquilo. "Ah, meu Deus!" Por sorte, um senhor nos deu carona. Era de idade, barba branca e muito tranquilo. Nos deixou na entrada da cidade. Depois advertiu que a estrada era perigosa e que havia trânsito de pessoas não tão boas por ali. Disse aquilo e sumiu no frio da noite. Chegando ao hotel, era só cansaço e fome. Sopa quente foi a solução... e repouso em estado de sono profundo. Hehehe!

No outro dia, tomamos novamente o aviãozinho (aquele de dar medo) para ir até Ushuaia, a cidade mais austral da Argentina \supseteq e a última do mundo. Não estou brincando... pois ao desembarcar por lá, logo no aeroporto, se pode ver uma placa bem grande informando aos desavisados: "Aqui termina o mundo".

Nos hospedamos no hotel Tuhpco, longe do centro da cidade, mas perto do Canal de Begal. Às quatro horas da tarde, já estava escurecendo e o amanhecer chegou por volta das onze horas. Fomos conhecer os arredores. Contratamos um *city-tour*. Na sequência, fizemos um passeio de barco, passamos pela Ilha dos Pássaros (um cheiro desagradável), também pela Ilha dos Lobos e pelo Farol do Fim do Mundo. À noite, comemos uma *parrilla* e depois lemos um pouco do Diário do Fim do Mundo. Depois de mais um café da manhã reforçado, fomos ao Parque Nacional de Tierra Del Fuego, onde

se pode ver a força dos ventos deitando as árvores. Lembrei do temporal que enfrentei na infância... eu sabia que aquilo era coisa do fim do mundo. *Hehehe!*

Mais um dia por lá e foi possível visitar o Lago Escondido. "Que lindo!" Parecia que havíamos invadido uma daquelas fotos de calendários que costumavam vir com paisagens... Provavelmente, todos já tiveram um. O lago era bem azul, as árvores tinham cor de cobre, o céu estava límpido, porém fazia um dia frio de dobrar a ponta das orelhas. Passamos, ainda, por um local



Hotel Tuhpco. Ushuaia. Argentina.



Los Cauquenes. Ushuaia.



Aqui termina o mundo! Na cidade mais austral, Ushuaia, com Noêmia, Adeli e Marlise.

onde criavam cães para puxar trenós. Como aqueles animais aguentavam aquele frio não sei... Foi inesquecível o passeio.

De Ushuaia, voamos direto para Buenos Aires, onde ficamos por um dia. Uma opera no Teatro Colon foi o pouquinho que pudemos desfrutar da capital da Argentina ... "Que qualidade!" Saí com uma sensação de regozijo, bem o que eu precisava para terminar a viagem...



Ushuaia tem lindos matizes no verão...







Lago escondido, a 60 km de Ushuaia, encravado na cordilheira...

Parte IV Maturidade

No fim da década de 90, eu já me sentia bastante mudado... o suficiente para refletir sobre tudo o que passou. Não que fosse imaturo. Não. Apenas estava pondo a experiência para trabalhar a meu favor. Está bem, vou ser mais direto: procurava um pouco mais de plenitude...

Bom, em 1999, eu ainda trabalhava na Agência Centro do Banco do Brasil. Um dia, conversando com o colega Roberto Ghelen, pensamos em abrir um negócio próprio. O que seria? Uma agência de viagens, é claro. Depois de analisar as opções da época, optamos por comprar a Panitur, do dr. Sergio Panisson, mas depois não deu certo o negócio. Então, depois de alguns dias, o Roberto me disse que uma amiga dele vendia pacotes de viagem para a Disney e comentara sobre abrir uma agência. Ele fez vários elogios e me deu ótimas referências dela. Era uma professora da UPF que tinha muitas amizades, conhecia muita gente na cidade e falava muito.

Um dia, tínhamos uma solenidade do Banco e o Roberto me apresentou a Zelir. Conversamos... Ela realmente era muito comunicativa. *Hehehe!* E simpática. Apresentava-me muita gente ao mesmo tempo e queria que um dia eu conhecesse uma amiga sua, superlegal e que gostava de viajar, mas de tão atucanado com coisas de excursões acabei esquecendo de perguntar sobre isso no final do evento. Coloquei foco numa reunião que aconteceria na casa da Zelir. Uma sociedade poderia nascer

logo ali e era necessário agilizar as coisas para ver se nos acertaríamos. Já na casa dela, conheci as suas filhas Bruna, Antonella e Natalia e também o dr. Elmo, seu esposo. Depois de batermos papo à vontade, veio uma sensação de que nos conhecíamos há anos. Muito positiva a reunião.

É claro que nos acertamos e consequentemente nos associamos. Assim surgiu a ZZZ Tour. Quanta coisa aconteceu até inaugurarmos oficialmente essa empresa... Os clientes começaram a aparecer, principalmente os amigos. Numa tarde, a Zelir me falou que necessitava de dois ônibus para levar empresários a Santa Cruz do Sul, onde a Comercial Zaffari inauguraria um novo supermercado. Fui providenciar. Consegui. Negociei preço e tudo, mas aí o cliente (um dos diretores da empresa) falou que não queria mais, achou muito caro etc.

Trabalhava conosco o Everton, ele fazia os contatos, mas a Zelir pediu para que eu fosse até a Comercial Zaffari falar diretamente com a dona, levar o orçamento e explicar tudo melhor para eles. Afinal, conversando evaporam-se muitas dúvidas. Até porque era estranho solicitar, aceitar e logo cancelar um orçamento. Lá fui eu, meio sem graça, falar com uma pessoa que não conhecia e que recém rechaçara nossos serviços. Falei com a diretora-presidente da Comercial, a dona Clelci Zaffari, que me recebeu muito bem e no final disse que contrataria ao menos um ônibus.

Missão cumprida. Recuperei o otimismo. Quando saí da ZZZ Tour, naquela tarde, indo para a minha casa na Av. Brasil, bem ali onde hoje funciona uma loja da Abbocato, subi pela Saldanha Marinho, uma rua pela qual dificilmente eu caminhava. Ia matutando sobre esse dia, coisas, novos contratos, clientes, viagens etc. Porém, também pensava muito na conversa com a D. Clelci Zaffari.

"Que senhora simpática! Que elegância e que educação! Além disso... que mulher bonita!" Quando menos espero, adivinhem quem sai de uma porta qualquer? Quem? A D. Clelci, é claro. Levei um susto. Imaginem estar pensando numa pessoa e ela aparece! É como se te pegasse em flagrante ou algo assim.

A Clelci também se surpreendeu, pelo visto, mas paramos para conversar. Ela saíra da manicure e ia para uma hora de massagem, no outro lado da rua. "Sem pressa!", afirmou ela, pois sempre se adiantava etc. E até falou que nem estava muito interessada em massagem naquele dia e... Bom, ficamos batendo papo por ali mesmo. Meu coração batia forte. Eu tremia. A sensação era de não saber bem o que dizer ou como reagir. Engraçado, logo eu, um homem com tantas experiências em viagens, que falava, guiava... "Por que me sentia assim?" Só sei que uma emoção diferente me acometeu. E olha que falávamos de coisas banais. Sobre o que mesmo? Ah, eu disse que havia trabalhado bastante naquele dia. Ela... nem sei. Nos despedimos com um aperto de mão e um simples olhar que na verdade durou um tempão. Não lembro como cheguei em casa. Estava com a cabeça nas nuvens.

Era dia 19 de dezembro. A Zelir pediu para que eu a substituísse na viagem a Santa Cruz do Sul, junto com o pessoal que inauguraria o novo supermercado, pois ela tinha aula e não poderia faltar. "Será??? Será que era verdade da Zelir ou mais uma das suas?", pensei. Às seis horas, lá estava eu, juntinho ao ônibus, ali no Centro Administrativo do Zaffari, esperando os passageiros. Embarcamos. Sentei no banco da frente para dar uma atenção especial aos viajantes. A Dona Clelci chegou carregada de caixas de bombons e balas. Ajudei a colocar tudo aquilo no lugar. Ela agra-

deceu e foi se sentar lá atrás. Partiu o *bus*. No meio do caminho, a Clelci veio sentar perto de mim para conversar. Depois, disse que se aproximou porque achava que eu poderia ser mais um amigo. "Será???" Conversamos por um bom tempo. Depois, ela disse que serviria bombons e balas e eu poderia ajudar a servir água.

Durante a solenidade de inauguração de sua nova empresa, aquela mulher estava muito bonita, com um traje rosa. Uma dama. Conversamos várias vezes dentro da loja. Falou muita coisa de supermercado. Eu fingia que entendia com precisão cada detalhe técnico, cada centímetro, cada item, mas a verdade é que só tinha olhos para a sua pessoa. Na volta, sentei no meu lugar e esperei. "Será que ela vai sentar aqui comigo?" Esperei... esperei, mas não veio. "Que faço?" Vai ver não gostou do meu papo; minha conversa não funcionou... "Poderia querer alguma coisa comigo?" Só interrogações me enchiam o pensamento.

"Por que a pressa?", me dizia uma voz interna... Chegamos. Dei-lhe um "boa noite" e só. Fui para casa pensando. Não dormi a noite toda. Coisa de gente à beira da paixão... Lembrei do que minha amiga e colega Maria Regina me disse um dia: "Jorge, se um dia você quiser agradar uma mulher, mande rosas vermelhas. Adoramos..."

Pela manhã do novo dia, antes de ir para o banco, passei numa floricultura, escolhi um buquê no capricho, rabisquei num cartão: "Parabéns pela festa! Com carinho, Jorge" e mandei tudo para ela. Esperei o resultado... e não demorou. Recebi uma ligação da Comercial Zaffari. Era a Clelci, agradecendo as flores: "São lindas... Adoooorei!" Hum... Se "adoooorou" era um bom sinal. Combi-

namos de à tarde eu passar no seu escritório para receber os agradecimentos. Ela não imaginava, mas senti até uma pequena vergonha de falar... No fim das contas, fui até lá e, então, caros leitores, estas coisas do coração ficarão guardadas só com nós dois.

Dali para diante, fomos nos conhecendo cada vez melhor e a Clelci passou a ser minha namorada. Confesso que meus dias ganhavam mais significado. Nossos gostos eram iguais, nosso pensamento também. Um pouquinho diferentes, admito, mas semelhantes na justa medida. Assim nasceu nosso amor. Antes de conhecê-la, eu me perguntava o que era essa tal felicidade? Pois realmente ainda resultava em definir o tão falado "ser feliz". Até hoje a Zelir fala que foi o cupido. Eu diria que ela foi até mais, nosso *anjo*. Ela foi e sempre será minha grande amiga, irmã de coração. Insistente na justa medida. Lembram da solenidade do banco, quando a Zelir disse que me apresentaria uma amiga? Pois então, talvez não tenha sido como o planejado, mas aconteceu. Aquela pessoa era a Clelci.

* * *

Um dia a Clelci me perguntou: "Você gosta de dançar e viajar? Porque se não gosta, eu gosto." Respondi: "E como gosto". E ainda hoje dançamos e viajamos. Até um programa de TV eu consegui... a desculpa perfeita para viajar. Aí, então, começou uma nova etapa de minha vida, de minhas viagens, de tudo. A Zelir conseguiu lugares num cruzeiro para a Grécia para mim e a Clelci, mas não pude ir. Frustrado? Na verdade não... confiante, isso sim, pois sabia que nossa hora chegaria. Embarcaram nessa viagem a Clelci, a Zelir, o Roberto e a Larissa, mas dessa aventura quem vai contar mais detalhes será a Zelir, num outro livro. Hehehe!

Acontece que o tempo ia passando e não havia jeito de chegar o nosso momento... não conseguíamos encaixar uma viagem juntos. Até que inventamos meio que de última hora ir ao Canadá ...

E como o que é feito às pressas corre o risco de não acontecer bem, tivemos uma dose de preocupação. Faltava providenciar o visto para entrar naquele país. Enviamos a documentação rapidamente, mas a um dia antes do embarque ainda não tínhamos os passaportes. "Burocracias!" À tarde, a Bruna Buzatto, da ZZZ Tour, ligou-me dizendo que deveríamos ir a Porto Alegre, pois os documentos seriam entregues diretamente no aeroporto. Do contrário, poderíamos buscá-los no departamento de despachos de mercadorias da Unesul. O local abria às sete horas. Nosso voo seria às doze. Às seis e meia, lá estava eu aguardando o pessoal abrir o pavilhão. Conversei com um funcionário e ele gentilmente foi buscar nosso envelope. "Escapei dessa!" Tomei um táxi e voltei ao hotel a tempo de recolher as malas.

Muita gente pensa que para viajar ao exterior basta comprar uma passagem... não, não. Fica a dica: informar-se com um agente de viagens sobre todos os documentos internacionais necessários. Evita um montão de dor de cabeça! Confesso, porém, que só me tranquilizei quando saímos do aeroporto. "Ufa!" Levantamos voo e planamos muito serenamente até o Canadá . Seu território é imenso, do Pacífico até o Atlântico. Este país é bilíngue (inglês e francês), por haver recebido diversas expedições britânicas e francesas... porém não igual ao Paraguai , que preservou seu idioma indígena característico. Não estou falando que não havia índios em solo canadense. Naquelas terras setentrionais viviam esquimós e aborígenes, além de haver registros de povos humanos de 26 mil anos atrás. Imaginem só...

A primeira cidade em que paramos foi Toronto, no sudeste do país, na Fazia bastante frio naquele centro financeiro do Canadá . Um grupo de mexicanos muito divertido estava por lá e nos enturmamos com eles, inclusive, realizando muitos passeios. Fomos à Torre CN, naquela época, a terceira mais alta do mundo, com 553 metros. De lá se viam os Grandes Lagos de camarote. Ah, quase me esqueço... parte no assoalho era de vidro e dava para





CN Tower à esquerda e o Parlamento à direita, em Toronto. Canadá.



Dá para chegar bem pertinho das cataratas do Niágara, entre os lagos Erie e Ontário.

se ver a cidade sob os pés. A Clelci naturalmente sentiu vertigem. Eu não. Visitamos também as cataratas do Niágara, igualmente dividindo as nacionalidades canadenses e norte-americanas, tal como acontece aqui no Brasil , nas cataratas do Iguaçu. Aquelas, porém, eram menores. A maior tinha 54 metros, porém eram três e se estendiam por 900m. Uma beleza. Sei disso porque fizemos um passeio de barca para sentir a queda d'água de perto. E não é que tomamos um banho, apesar de termos usado as capinhas de plástico.



Hotel Quebec.



Museu do Índio, Otawa.





Quebec, Canadá.

Por sorte, não havia nenhum veículo, apenas patinadores e ciclistas, na entrada da reta dos boxes do circuito de Formula I Giles Villenueve, em Montreal, no Canadá.

Em Ottawa, às margens do rio de mesmo nome, chamado pelos nativos alonquinos de "Kichesippi" = "grande rio", estão muitos museus, parques e pistas para patinação. Também estivemos em Quebec, o lugar mais turístico do Canadá , pelo menos assim é considerado por muitos (eu já penso que seja Vancouver). Quebec situa-se na confluência dos rios San Lorenzo e San Carlos. Tem vistas incríveis e lugares considerados patrimônio da humanidade, pela Unesco. Depois que o sol nos abandonou, saímos para jantar num restaurante Francês. Fizemos

Comecei a acreditar que o paraíso existe! Em Mil Ilhas, perto de Toronto, está a menor ponte-fronteira do mundo: só 4 metros.

novos amigos e lá nos contaram que, no idioma nativo (o mesmo que citei recém), "Quebeck" significava "lá onde o rio se estreita". Não sei se era porque estávamos tomando muito vinho, mas pareceu bastante engraçado um nome tão pequeno traduzir tanta coisa. Eu e a Clelci rimos muito naquela noite, porém o álcool não era suficiente para espantar o frio. Voltamos ao hotel encarangados.

No Canadá , visitamos parques, castelos e palácios, mas dessa viagem, do que mais gostei estava em Montreal, o Circuito de Formula 1 "Giles Villenueve". Passeamos de ônibus por toda a pista. Conhecemos também o Estádio Olímpico, construído para os jogos de 1976, mas eu ainda pensava na emoção que deveriam ter sentido o Senna e o Piquet, pois ambos haviam vencido duas vezes naquele autódromo.



Eu e a Clelci, desfrutando das cores, flores e aromas do Canadá...

Sentimos fome e escolhemos um pequeno shopping para almoçar. A garconete nos trouxe o cardápio. Tínhamos que escolher o menu. "Com o inglês, sem problemas!", pensei. Queríamos comer frango e então pedimos "chicken", ora. Para quê olhar no cardápio? Porém, a moça não entendia o que queríamos, então a Clelci se levantou e imitou uma galinha batendo asas. Hehehe! Ah, para quê? A garota entendeu no mesmo instante e até soltou uma gargalhada daquelas. Depois pediu desculpas. Por fim, disse "OK!" e finalmente tivemos a nossa *chicken*. Nós rimos muito da situação, até hoje, na verdade. Esse foi o nosso último episódio nas terras dos alonquinos. E, então, chegou a hora de voltar... Como me senti? Imaginem! A verdade era que nenhum pouco entediado. Chegamos a Porto Alegre e às seis horas já estávamos na rodoviária... Mas... sempre há um "mas" em relação à frequência de ônibus para Passo Fundo. Só saía às doze horas. "Quer saber? Não tenho motivos para me aborrecer", falei a mim mesmo. "Não posso reclamar." Convidei minha querida companheira e ficamos num hotel em frente à rodoviária. Fomos dormir. Acordei faltando quinze minutos para as doze. Chamei a Clelci e em dez minutos já estávamos no box esperando o ônibus. Pronto. Tinha que reconhecer que as coisas estavam bem melhores agora, pois, com ou sem atraso, eu voltava para casa bem acompanhado. Não que estivesse mal acompanhado nas viagens anteriores. Estou me referindo a coisas do coração...

* * *

Passados uns seis meses dessa última viagem, começamos a sentir comichões para sair pelo mundo novamente. Como era natural, queríamos uma experiência distinta, emocionante, picante até... "Por que não?" Essas foram as ideias que adicionamos ao nosso próximo roteiro. E o resultado? México ... Adivinhem onde fui providenciar informações e passagens? Lá com minha amiga da ZZZ Tour, é claro. Ela me ajudou a escolher um tour que agradasse a mim e à Clelci. Quando a Zelir fez os comentários iniciais sobre esse país, vi que era muito mais interessante do que parecia. A gente aqui tinha dados esparsos e muitas vezes exagerados dos mexicanos, mas com um pouco de pesquisa fiquei sabendo que aquelas terras guardavam segredos de povos milenares, como maias

e astecas entre outros povos mais antigos, além de os entreveros com os colonizadores, é claro. Nunca imaginei que lá também houvesse pirâmides... "Como não ir ao México ?", pensei.

A Clelci também se entusiasmou com o destino e adiós Passo Fundo. Nossa única parada foi na Cidade do México, ou "DF" (Distrito Federal). O lugar inteiro está sobre um vale cercado por serras, cerros e uma cadeia de vulcões adormecidos. Em outras palavras, está num saltén. Que calor naquele lugar! Como somos muito religiosos, a Nacional Basílica de Santa María de Guadalupe, padroeira da cidade, foi passagem obrigatória. Diziam ser o segundo recinto religioso mais visitado no mundo. Havia dois edifícios, um novo e outro antigo. Este último havia sido construído em 1682. Fizemos orações por lá. O hotel onde nos hospedamos era bem central. Ficamos num apartamento no décimo segundo andar. Pela madrugada, acordei sentindo-me mal, não conseguia respirar. Desci até o



O vulcão Popocatépetl pode ser visto a 72 km ao sudeste da Cidade do México. Com seus 5.500 metros, certamente, testemunhou muitas matanças que se produziram naquela região. Saiba mais, adiante...



Plaza de la Constitución, onde estão a Catedral Metropolitana e o Palácio Nacional.



Basílica de Santa María de Guadalupe (dois edifícios). Média anual de peregrinos: 18 milhões... Não é brincadeira não!

hall e pedi una habitación mais abaixo. O atendente nos mudou para o quarto andar e me deu uma coca-cola, falando algo sobre os efeitos da altitude, que algumas pessoas ficavam com mal-estar. Não entendi a lógica dele, mas no dia seguinte fiquei bem, à base de refrigerante. Interessante, não é?

Saindo da Cidade do México, fomos para Acapulco, numa das praias mais famosas. Vimos os *clavadistas*, homens que se lançam de uma encosta para o mar. Tudo era visto do Hotel El Mirador. "*Que corajosos!*" Se lançam de 35 metros de altura. O problema é que a maré varia. Como calculavam o impacto não sei, apenas via que entravam na água perfeitamente. Porém, qualquer erro poderia ser trágico, me explicavam.







Nosso roteiro incluía algumas cidades das quais ainda lembro: Guernavaca, a 1.500 metros do nível do mar. Dizem que lá a estação é uma eterna primavera. Curiosidades: "chinelos" são dançarinos carnavalescos para eles... e muitas esculturas por lá são feitas de cera de abelhas. "Legal!"

Também estivemos em por Taxco de Alarcón, num vale, antigo centro mineiro do continente, de onde se extraía prata ainda sob os mandos do



Salto de um clavadista em La Quebrada. Acapulco. México.

Vice-Reinado da Espanha. Nosso hotel estava no alto de uma montanha, de onde desfrutamos de uma vista lindíssima. À noite, se via deslumbrante o Templo de Santa Prisca, no coração da cidade.

A 51 km do Distrito Federal, caminhamos pela atemorizante Calzada de los Muertos em Teotihuacan (Cidade dos Deuses). Ela se estende desde o incrível Templo da Lua por dois quilômetros até quase Teopancaxco, onde jazem os restos de outro conjunto habitacional mais recente na história do vale. Em Teotihuacan, eram comuns sacrifícios... para prolongar a vida depois da morte. A extração do coração era um dos rituais mais praticados, além da decaptação seguida da exposição do crâneo.

Depois, fomos até Mérida, lá onde o México • faz a curva, no estado de Yucatán. Visitamos a Catedral de San Idelfonso e presenciamos uma apresentação de uma jarana yucatera, com dançarinos e tudo na Plaza de Santa Lúcia. É uma música com diversas harmonias de vozes e sons de violão.



Playa Delfines, com o lago Nichupté à direita... na surreal Cancún, no México.



Saída do Parque XCaret, depois de descer por um rio subterrâneo... É imperdível!

Por fim, Cancún, lá no outro lado da curva. Hehehe! Estou falando de um dos balneários mais famosos do mundo, ao leste, em terras e águas do México . E essa reputação não era à toa. "Que praias!" Das que mais gostamos foram a Playa Delfines, a Playa Langosta e a Playa las Perlas. Quantos tons de verde e azul vi naquelas águas... "E que areias!" Havia muitos estrangeiros espalhados por lá. Da praia era possível ver a Isla Mujeres a 7 km. Ainda nessa



linda cidade, conhecemos o Parque Natural XCaret, local de visita imperdível. Tem lindas praias caribenhas, rios subterrâneos, zonas arqueológicas, com espetáculos ao vivo, mostrando como eram realizados jogos, festas e como voavam os nativos. *Hehehe!* É isso mesmo! Na verdade, os nativos trepavam em altas armações de madeira. Ficavam lá para significar o equilíbrio dos elementos terra, água, ar e fogo e pedir fertilidade para suas terras, boas colheitas etc.

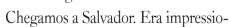
O mundo está cheio de coisas, lugares e pessoas interessantes para se conhecer. Quando viajamos, suprimos uma espécie de êxtase e, por outro lado, prolongamos uma tranquilidade interna, que faz com que nos sintamos mais relaxados. Muitas pessoas sintetizam essas sensações associando viajar com o "descarregar as pilhas". Eu diria que se chama "carregar" mesmo, por conta disso que recém expliquei. Enfim, é válido viajar. Renova a alma.

Bom, estávamos de bobeira num mês de março, justo quando os navios voltam à Europa. Então, a Bruna, da ZZZ Tour, ofereceu-nos um cruzeiro pelo velho continente. Deveríamos embarcar no Rio de Janeiro, a cidade mais visitada do Brasil . O navio Rapsódia da MSC nos esperava. Conversei com a Clelci, que gostou da ideia, e lá fomos nós confirmar a viagem. Depois de tudo organizado, chegamos à cidade maravilhosa e ficamos uma noite na casa do irmão da Clelci, o Izaltino, e também em companhia da Mara, os quais nos recepcionaram muito bem, inclusive ajudando desde o aeroporto até o porto.

A ansiedade era grande... Depois que fizemos o *check-in* e nos dirigimos ao embarque, ali na fila mesmo, a Clelci começou uma conversa com uma senhora italiana, que voltava para seu país. E não é que desse contato nasceu uma grande amizade. Vou contar mais adiante como foi isso... Nos dirigimos para a cabine esperar as malas, que só chegaram à noite. Depois, do convés, testemunhamos as despedidas na saída do porto. Até distribuímos alguns "*tchaus*". Havia muita música e animação no navio. O pessoal do cruzeiro fazia a sua parte... desconfio que para nos acalmar. Deu certo. *Hehehe!* Nesse meio tempo, conhecemos um casal do Rio, o Marcos e a Graziela. Combinamos de nos ver

no jantar. Por casualidade, eles estavam lotados na nossa mesa. Que bom!

Na manhã seguinte, comecei a me sentir mal, muito enjoado com o balanço do navio. A tensão do embarque era um sinal... Falei com nossos amigos e o Marcos disse que sabia de um remédio ótimo para enjoo, pois era um distribuidor de medicamentos. "Sorte a minha!" Ele me deu o nome, o qual nunca mais esquecerei... bom para os marinheiros de primeira viagem: "Sttugeron", mas, claro, leiam as contra-indicações antes de ingerir... Para mim, pelo menos, funcionou como um relógio.





Embarque no Rio de laneiro.



nante aquela imagem dos prédios despontando em nossa vista do mar. Descemos e fomos direto a uma farmácia comprar o tal Sttugeron... Depois, alugamos um táxi junto com o Marcos e a Grazzi e passeamos pela orla. Estava tão bom que só voltamos ao entardecer. Fiquei com uma vontade de



Lembram do filme Titanic? Eu e a Clelci interpretamos Jack e Rose na proa do Rhapsody. Hehehe!



Jantar do comandante. Noite de gala em alto-mar...

O que estou fazendo ali? Bom, numa certa noite, fui cantor. Alguém tinha que animar o pessoal daquele cruzeiro. Cantei "Cuando calienta el sol" e ganhei o primeiro lugar.

morder uma moqueca de camarão ou uma casquinha de siri, mas tínhamos um jantar de recepção lá no navio. Resolvi não misturar. Já dentro da embarcação, enquanto aguardávamos a cerimônia, apareceu um grupo de brasileiras muito divertidas. Já ficamos amigos de todos, da Laura, da Celina e de outras. Juntou-se ao nosso grupo, ainda, a Marisa, a italiana. Estávamos quase sempre juntos, planejávamos o café-da-manhã, o almoço, os passeios e as brincadeiras.

A embarcação passou também por Maceió e Recife. Dedicamos algumas horinhas a ambas cidades. Depois disso, enfrentaríamos a travessia pelo Oceano Atlântico. Essa, na verdade, durou cinco dias, mas confesso que nem percebia que estávamos em mar aberto, restringidos pelos limites de um navio. É que sempre havia uma atividade para interagir e descontrair junto aos outros passageiros. Eu e a Clelci dançamos, brincamos e cantamos, mas o que adorávamos era sentar em algum dos muitos barzinhos do navio para conversar. Era impressionante a estrutura a nosso dispor. As 24 horas do dia...

A primeira parada após a travessia foi em Dakar, capital do Senegal , o país mais ocidental do continente africano, onde a península de Cabo Verde (não as ilhas) perfura com suas rochas o limite estabelecido pelo Atlântico. Portugal , Países Baixos e Inglaterra já disputaram essa região, não por causa dos megalitos pré-históricos (patrimônios da humanidade), mas sim em busca de escravos negros, ou seja, mão-de-obra. Senegal tem selvas e savanas, muitas protegidas por parques nacionais. O petróleo é o produto mais exportado, seguido pelo cimento. O idioma oficial deles é o francês, mas outros idiomas nativos ainda permanecem como oficiais, como o wólof.

Marrocos foi nossa segunda parada, ao noroeste da África, separando da Europa apenas pelo Estreito de Gibraltar. Lá visitamos a cidade de Agadir, de lindas praias de areias de tom quase laranja. Em Marrakech, uma das quatro cidades imperiais desse país, o verde das palmeiras contrastava com o solo avermelhado... Essa cor está na etimologia de seu nome, inclusive. Já em Fès, vimos o Palácio Real, algumas mesquitas e gigantes tanques de curtição em várias cores. Os marroquinos falam o árabe, o bereber e um pouco de francês e espanhol remanescentes da colonização.

Depois de adentrar no Mar Mediterrâneo, 100 km além do Estreito de Gibraltar, desembarcamos em Málaga, uma das mais antigas cidades da Espanha , fundada por fenícios. É uma importante ligação com todo o litoral. Incrível como ali, diferentemente do continente africano, o verde predomina en los pinares de los montes. Em Málaga há um teatro romano, feito alguns anos antes de Cristo, quando a região pertencia à Roma. Conseguimos visitar também o Museo Picasso Málaga.

Rumo à Granada, fomos ver o palácio árabe em terras espanholas: Alhanbra. A cidade murada de mesmo nome forma uma zona de castelos com adorno lindíssimo. Foram duas horas de ida, três de passeio e outras duas de regresso para conhecer um lugar construído para o rei Carlos V. Dizem que nunca habitou o Palácio de Comares, mas se o fizesse estaria envolto da mais bela arte decorativa muçulmana. Valeu mesmo a visita... Em Granada também se pode praticar esqui profissional... mas isso, não era para mim e a Clelci, nem era época. *Hehehe!*

O próximo porto em que atracaríamos seria o de Barcelona. Enquanto isso, eu ia anotando mais umas marcas globais, pois como já disse, esse era meu capricho de turista. Descobri que Mapfre,



Transporte coletivo e praia em Dakar. Senegal.







Baía de Málaga, vista do mirante Gibralfaro.



Ruínas do teatro romano em Málaga.





Alhanbra à esquerda. E à direita os detalhes internos do Palácio de Comares.



Repsol e Santander eram espanholas. Pois bem, quando pisamos em terra, dentro da província homônima, dentro da Cataluña (complicadas essas divisões internas espanholas), deu para sentir logo de entrada que aquele lugar nos surpreenderia. A cidade está no nordeste da Espanha , a 100 km da fronteira com a França , e chega a abocanhar um pouquinho do mar com suas construções.

A Clelci, com pressa, queria visitar tudo o que pudesse. Também, pudera, se há lugares organizados, um deles é Barcelona, com suas vastas redes de transporte público: táxis, ônibus e metrôs. Assim ficou fácil chegar na Plaza Cataluña, no fantástico Parc Guell, obra do arquiteto Gaudí, expoente do modernismo catalão. "Como explicar o que vimos?" Imaginem uma construção rígida

esmaecida por linhas irregulares de telhados e janelas. Era incrível, assim como outros lugares de lá, como o Teatro Grego, o Pórtico de la Lavadera e o Viaducto del Museo.

Por fim, a última parada foi em Gênova, cidade histórica e de grande beleza, já na Itália , no litoral norte. Aquele lugar já tinha sido república, provavelmente por sua referência portuária e pesqueira e de beleza. Também foi construído e reconstruído: por cartagineses e depois por romanos, estes últimos conquistando os primeiros, é claro. Os lugares centrais e



Park Güell, obra do arquiteto Gaudí. Barcelona.

mais movimentados eram a Piazza de Ferrari, a igreja San Mateo, o Teatro Carlo e a Catedral San Lorenzo. Descobri um ilustre genovês: Cristóbal Colón, aquele que supostamente *descobriu* a América.



Porto de Gênova e abaixo a réplica do Galeão Netuno, atracado em suas águas.



E lembram da minha mania de anotar marcas... pois bem, ao fazer as comprinhas com minha querida companheira, percebi mais umas italianas: Benetton, Dulci Gabana, Gucci, Prada... Hehehe! Bom, eu odiava despedidas, mas era hora de voltar... Eu e a Clelci nos despedimos da Mariza, do Marcos e da Grazzi pois eles seguiriam para Roma. Nós, para Milão. Convidamos eles para conhecer Passo Fundo e ficamos de nos telefonar e se possível viajar juntos outra vez. Muito bem... estávamos em Milão, terra de Giorgio Armani, mas depois daquela despedida, o clima era outro. Passeamos pouco e logo voltamos ao Brasil . E vejam só que legal! Aquele convite ao pessoal do cruzeiro... não é que, depois de dois meses, para a nossa alegria, estávamos recebendo a Laura e o Ilzon, seu esposo, em nosso país. Por um fim de semana estiveram conosco. Consolidamos uma grande amizade. Eu até liguei algumas vezes para o Marcos e nos falamos por um bom tempo.

Lembram da promessa de mostrar os atrativos turísticos do Chile : Pois é, chegou a hora. Quando convidei a Clelci para a travessia dos Lagos Andinos, ela topou. A viagem ficou para o final de agosto. De Porto Alegre fomos para Santiago. Lá, ficamos três noites. Fizemos um *citytour*, enquanto eu comentava aspectos da vida chilena. Sempre me pareceram calmos e espertos os chilenos. De outra forma não haveriam nascido lá poetas como Gabriela Mistral e Pablo Neruda.

No dia seguinte, no centro da cidade, fazia uns 13 graus negativos. Por sorte, estávamos agasalhados. Entramos em uma *van* rumo ao Valle Nevado, acompanhados de oito pessoas, de hotéis diferentes. Aos poucos, fomos conversando e criando empatia com eles. Novas amizades aconteceram. Conhecemos alguns chilenos no percurso. Essa gente em geral é muito educada e, quando agradecem, fazem isso com tanto entusiasmo e bendições que te deixam até constrangido.

Durante a subida ao Valle Nevado, já se via o que nos aguardava: neve e frio. "Me acuda!", falei à Clelci, agarrada no meu braço. A quase três mil metros de altitude, bem lá no alto, o vento uivava de tão forte. Os esquiadores nem conseguiam sair do hall do hotel-restaurante, onde ficamos. De qualquer forma, tiramos fotos e tomamos chocolate quente. É bom se sentir protegido, sobretudo aquecido. A infraestrutura lá era boa! O motorista achou mais prudente descermos logo, antes que a neve bloqueasse a estrada. O problema é que lá fora o vento não amainava e a temperatura era algo como treze graus negativos. Embarcamos na van e descemos até El Colorado, outra estação de esqui. Mais fotos. E próxima parada: El Farellones. Lá a temperatura estava amena: cinco graus negativos. Hehehe! A neve, porém, não cessava. Entramos num outro restaurante e abrigo



Cordilheira dos Andes. Se ao subir deu receio... para descer, mais ainda... Emocionante a travessia!







Chile, Valle Nevado El Farellones, com pose para foto na neve.





Funiculares de acesso à Virgem, em San Cristobal.



de esquiadores. Almoçamos uma deliciosa e quentinha sopa com carne. Ninguém reclamou do frio. Relaxamos e nos descontraímos com o pessoal. À noitinha, levaram-nos de volta ao hotel.

No dia seguinte, a San Cristobal, um parque urbano, o maior do Chile . Foi a primeira vez que andei de trem inclinado, pois para subir, usamos vagonetas, chamadas de *funiculares*, específicas para morros. Lá no alto, está a imagem da Virgem Maria, à qual dedicamos um tempinho, antes de apreciar a linda vista da metrópole santiaguenha.

Ao final do dia, fomos ao terminal de ônibus Los Heroes comprar passagens para Puerto Varas, ao sul do país. Partimos às 20:00. "Que ônibus!" Serviram jantar e despertamos com café-da-manhã. Choveu a viagem toda, mas nem notamos. Nem parecia uma aventura. Hehehe! Chegamos em Puerto Varas às duas da tarde e só queríamos encontrar o hotel Los Colonizadores. Por quê? Ora, naquele clima, só mesmo uma calefação, mas para nossa sorte o jantar ganhou ares românticos e, para terminar bem, só mesmo com um edredom de plumas de ganso. "Ótimo atendimento!"

Acordamos com bastante energia. Fomos conhecer uma colônia de pescadores e criadores de salmão. Gente trabalhadora aquela. Logo depois, mais viagem até Puerto Montt, passando pelo *Monumento al inmigrante alemán*. Até fizemos uma parada num mercado livre para as famosas comprinhas. Muitas marcas importadas... As manhãs seguiam bastante frias, não importando o quanto o sol se exibisse lá no céu. Pelo menos, o dia estava lindo para fazer o roteiro dos lagos. Depois do passeio, paramos no Puerto Esmeralda. Adivinhem o cardápio do almoço? Peixe, é claro. Visitamos Peulla, onde flagramos uma linda cascata. Andamos bastante naquela tarde. Deu para sentir ao máximo as



Puerto Varas.

Cascata Velo de la novia, em Peulla.





Eu e Clelci na travessia do Chile para a Argentina.

pernas. Mas isso é bom, porque quando voltamos ao hotel foi recompensador o descanso. Ao anoitecer, a janta: peixe e vinho à luz de velas. Do nosso apartamento, víamos os Andes cobertos de neve, iluminados apenas pelo luar. Imagem inesquecível! Vale muito a pena uma visita!

A viagem que já estava excelente, não estava perto de acabar. Ainda iríamos atravessar a fronteira entre o Chile e a Argentina. Missão: subir uma montanha para ver o Cerro Tronador, aquele que retumba o ruído das geleiras se rompendo. Quando chegamos no topo, o micro-ônibus parou para que caminhássemos na neve, mas não era qualquer neve. Havia mais de meio metro daquele gelo

fofo. Outra experiência impossível de descrever com palavras. Há que ir para sentir. Aquilo nos galhos dos ciprestes parecia escultura. O caminho era quase intransponível antes de Puerto Blest, onde está o lago Frías, escondido no meio da floresta, única conexão com Puerto Alegre. Aí almoçamos. Chegamos em Bariloche quando anoitecia. Jantamos no hotel e, como estava muito frio e chovendo, não nos animamos a sair nem para pegar um jornal.

Depois de uma noite bem dormida, vestimos roupas de material especial contra o frio. Estávamos prontos para mais um passeio. Dessa vez, pelo Circuito Chico. Subimos no Cerro Otto. Depois, fomos







até a estação de esqui mais famosa de Bariloche, no Cerro Catedral. Uma das paisagens mais lindas do mundo se vê desde o Cerro San Martin. Ainda ficamos mais um dia em Bariloche, onde compramos umas lembrancinhas e umas barras dos famosos chocolates de lá, como Fenoglio, Rapanui e Mamuschka.

O passeio que já estava lindo, ficou delicioso no final, mas era hora de voltar. Porém não estávamos sós, tínhamos muito chocolate. Descobri que maias e astecas já usavam as sementes de cacau como alimento, em bebidas e remédios. Tostavam, moíam e aqueciam, tal como se faz hoje. Porém ninguém tinha misturado isso com açúcar, canela ou baunilha, como o fez um dos cozinheiros de Carlos I, da Espanha . Parece que o resultado agradou ao mundo... Com essa história, creio que entendi o que eram as ansiedades que andava sentindo no passado: em minha vida também faltava uma mistura, mas eu a encontrei... e agora me sinto mais completo, mais tranquilo, mais doce...

Parte V

Um encontro com nós mesmos

Eu e a Clelci nos dávamos tão bem que desconfiávamos que nossa união fosse algo quem sabe até de vidas passadas. Somos pessoas de muita fé. Eu, especialmente, conservador de muitas convicções espirituais envolvendo meus familiares. Ela com suas crenças também. Tanta energia acumulada resultou em uma aventura bastante diferente, a Índia . Certamente, muitos já ouviram falar sobre esse lugar especial ao sul da Ásia e seus inúmeros misticismos sobre modos de vida, gastronomia, espiritualidade, sexualidade, enfim... nossa curiosidade era imensa.

A oportunidade surgiu em 2004, quando li num anúncio de jornal sobre um casal que organizava uma visita àquele país. Fiz o contato. A Simone atendeu... e explicou sobre o roteiro. Perguntei logo de início sobre o guia. Afinal, não queria passar por sufocos, como no Egito ... Lembram? O sucesso da viagem dependia disso, porque o país que pretendíamos conhecer era muito grande. Por fim, ela falou de um indiano que morava em Porto Alegre e sabia muito dos costumes e diferenças de sua terra natal. Ele seria o guia. "Ótimo!" Fiz a reserva.

Então, eu e a Clelci fomos convidados para um encontro de integração, na capital gaúcha, com o recém-formado grupo de excursionistas. Também seria uma oportunidade para conhecer mais do *tour* que nos esperava. Logo conhecemos o Nirav (o nosso guia) e também a Dagmar, a Carmen, o

Andre Edith e Aldenise (de Santa Maria), o Sr. Herberth (de Cruzeiro do Sul), a Edith e o João Carlos, o Fernando e a Carmen. Todos seriam nossos novos cúmplices nessa tão esperada viagem. O dia da partida chegou rápido. Fomos a Porto Alegre e de lá para São Paulo. Embarcamos em um voo da South African Arways com destino à África do Sul , onde paramos por um dia e uma noite antes de seguir viagem. Nessa oportunidade, conhecemos um pouco de Joanesburgo, que não é a capital do país, mas é a cidade mais populosa. Foi uma ótima desculpa para pisar naquela pontinha do velho continente africano. Fomos até o Sowetto, bairro onde viveu Mandela por muitos anos. Hoje é um município. Lá o *Appartheid* (regime de segregação racial) encontrou maior

resistência, tendo um desfecho dramático em 1976, quando a polícia reprimiu duramente muitos negros contrários à política oficial.

Visitamos a própria Casa de Nelson Mandella, uma edificação básica de adobe, que virou museu. Impressionante a simplicidade com que viveu esse grande homem, que, em sua história, já esteve preso por 27 anos, recebeu um prêmio Nobel da Paz e foi presidente daquela nação sul-africana. Ali, pertinho, ficava outro museu, Hector Pieterson, em homenagem a um jovem,



Em Joanesburgo fizemos uma ponte aérea...

vítima do enfrentamento de 76. Também conhecemos um pouco do comércio de peças originais de artesanato africano, em alguns momentos ao ritmo de bongos (tambores pequenos).

De longe, avistamos as minas de ouro. Na verdade, o que vimos eram resíduos sólidos do processo de mineração, pois para extrair 30 gramas de ouro, tiram da terra mais de uma tonelada de minério. Isso explicava as montanhas, em plena urbe, algumas bem maiores que o Soccer City. Investiguei o porquê disso. Geralmente, as cidades crescem perto do mar, de rios ou de lagos. Joanesburgo não. Sua existência tem a ver com uma corrida pelo ouro, ainda em 1886. Hoje, a região continua respondendo por quase metade da produção do país. Os turistas mais corajosos podem mergulhar 250m nos subterrâneos do Gold Reef City, pelo antigo e apertado elevador dos mineiros, porém a mina vai até quase mil metros de profundidade.

Na manhã seguinte, deixamos aquele pedacinho da África para trás. Embarcamos com destino a Mumbai (ou Bombaim), na Índia , onde aterrissamos ao anoitecer. Fomos direto ao hotel, sem dúvidas... "E que hotel!" Um antigo palácio. Entusiasmei-me porque disseram que, basicamente, assim seriam os outros. Outra coisa bem legal aconteceu. Era aniversário da Clelci e ela ganhou um bolo de chocolate e os parabéns de todos naquela noite de 24 de outubro.

Quando me inteirei da quantidade de gente que vivia na Índia , tomei um susto: mais de um bilhão de pessoas, ou seja, seis vezes mais que no Brasil . Sem falar que há 21 idiomas oficiais e dezenas de religiões e castas naquele país. Não era à toa que o roteiro havia sido previsto para 20 dias. Nossa aventura seria das grandes. E queríamos muito conhecer Mumbai e seus encantos. Para

fazer os primeiros contatos com o povo, colocamos sapatos e roupas confortáveis. Assim aconselhou Nirav. Logo explico por quê...

Nosso guia nos contou que estávamos na cidade mais rica do país, que tem um porto de profundidade natural à margem oeste do país, de frente para o Mar Arábico à frente. Foi surpreendente saber que a Índia a tem a maior indústria cinematográfica do mundo e muito disso estava ali em Mumbai, além de numerosas universidades, teatros, museus e galerias. Passamos pela Chhatrapati Shivaji •, uma estação de trens que começou a ser construída em 1878. Tem uma arquitetura lindíssima.

Fomos subindo em direção ao norte e passamos também pelo famoso



Chhatrapati Shivaji, patrimônio da Humanidade, antigamente chamava-se Victoria, em homenagem a uma imperatriz.



Esta é a pontinha de Mumbai, banhada pelo Mar Arábico.

Mahatma Jyotiba Phule Mandai ②, uma espécie de mercado público com tudo o que se possa imaginar, frutas, artesanatos etc. Depois, vimos por fora a Jama Masjid, uma mesquita onde apenas muçulmanos entram para rezar. Porém, vale lembrar que 80% da população indiana são hindus, 13%, muçulmanos, sendo que os cristãos e budistas representam 2% cada... Também passamos pelo Mumba Devi Mandir (templo dedicado à Deusa Devi), mas foi no mercado de Bhuleshwar que a coisa empacou. Havia muita, mas muita gente por lá, comprando e vendendo, desde alimentos até artigos femininos.

Parecia que nosso *city-tour* se estenderia por um mês, mas ao entardecer, a fome nos fez parar. Nirav sugeriu um restaurante típico. Li no menu em inglês muitos alimentos conhecidos: frango, batatas, carnes vermelhas com molhos especiais etc. Para ajudar, a música regional e as decorações temáticas descontraíam os turistas. "Ótimo!" Cada um fez seu pedido e eu até dispensei os conselhos do guia... mas quando dei o primeiro bocado no meu manjar, quase subi pelo teto. "Mas o que tem nesta comida?" Imaginem gengibre e pimenta juntos... "Credo!" Apenas um dos excursionistas não sentiu tanto os efeitos da culinária indiana, o nosso guia. Hehehe! A pimenta era muito forte. Olhei para a Clelci, ela estava vermelha. Abanando-se. E o Nirav avisou sobre as especiarias da Índia : seria assim até o fim da viagem. Ainda passeamos mais por Mumbai, caminhando muito. Agradeci a dica do Nirav sobre as roupas... Vimos muito também, mais muito mesmo, gente em carros, carroças, bicicletas, motos, a pé... e em tuk-tuks (carros de três rodas). A mistura de cores, cheiros, gostos e sons que experimentamos lá foi impressionante.

Depois de Mumbai, já no avião, aproveitei para ler sobre as muitas dinastias e impérios que prevaleceram na Índia . Muitos grupos humanos deixaram uma marca naquele país, sendo o último o da Inglaterra. Quem promoveu a independência por lá foi Mahatma Gandhi, um indiano especial, que lutou contra os ingleses de uma maneira no mínimo inusitada: sem violência, sem armas, sem tiros... Vou contar isso em detalhes mais adiante. Não percam!

Aterrissamos em Nova Delhi, ao noroeste do país. Para minha felicidade, quase tudo era sem pimenta no café da manhã. E já que iríamos ficar três dias na cidade, sabem o que fiz? Separei uns pãezinhos, doces e outros quitutes para atenuar os almoços e jantares. Os temperos indianos são regados a gengibre, pimenta, alho, cebola e por aí vai. Enfim, amanhecia na capital indiana... Começamos as visitas pela "Porta", estou falando de um monumento bem no coração da cidade, numa praça hexagonal, perto do rio Yamuna. Olhando no mapa, as





Bhuleshwar, Mumbai,



Linear à Porta da Índia, pela av. Rajpath, está o Bhavan.

coisas pareciam pequenas, mas para caminhar tudo ficava longe. Chegamos à residência oficial do presidente da Índia , Rashtrapati Bhavan, outro palácio clássico, obra de um arquiteto britânico, porém com mesclas de elementos hindus. Um lugar imenso e esplendoroso, de encher os olhos.

Dali, seguimos para o norte da cidade. Continuamos o roteiro pelo Central Park e pelo Jama Masjid (mesquita muçulmana), já na região que chamavam de "Velha" Delhi, onde visitamos o Lal Qila (Forte Vermelho), protegido por uma muralha de pedras. Dentro do complexo, estão a mesquita Moti Masjid, e também outros prédios: dependências para mulheres (Mumtaz Majal), aposentos imperiais (Khas Majal), torre para dias de cerimônias (Mussaman Burj) e salas de orações.



Tuk-tuk (ou triciclo) é um meio de transporte econômico, rápido e usado em muitos lugares do mundo, sobretudo na Índia, nestas cores.

Mesquita de Moti Masjid, dentro do Lal Qila.



O Lal Qila foi construído em 1638, a fim de simbolizar a capital de uma cidade muçulmana. Vista interna, acima. Externa, à direita.



"Ufa!", só nos restava um descanso. Ao chegar ao hotel, antes mesmo de subirmos, já nos avisaram que deveríamos escovar os dentes com água mineral. "Tudo bem! Podemos fazer isso!", pensei, porém alertaram para que cuidássemos a garrafa: se estivesse lacrada, tudo bem, do contrário poderia estar contaminada e a diarreia seria iminente...

Faltavam conhecer alguns lugares interessantes mais ao sul da cidade. Nosso ponto de partida foi novamente a Porta da Índia, dali fomos até a Tumba de Humayun, em homenagem ao segundo imperador destes povos, lá dos anos de 1530. "E que tumba!" Octogonal com muitos detalhes em mármore.

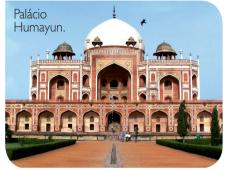
Nosso próximo destino seria o Templo de Lótus, bem ao sul, antes da área industrial da cidade. "*Um lugar mais lindo que o outro!*" Trata-se de um edifício em forma de um planta aquática. A estrutura está envolta em nove piscinas, tudo geometricamente construído.

Jaipur, ao oeste de Delhi, seria nossa próxima parada, porém passamos por outras cidades, como Rewari, que estava no caminho. Lá conhecemos um templo à deusa Shiva, o símbolo máximo da potência masculina. Dos outros deuses cultuados pelos hindus, lembro de Ganesha, da boa sorte, Brahma, criador do universo, Vixnu, responsável pela manutenção do universo, Kamadeva, do amor, Surya, do sol, e outros mais.

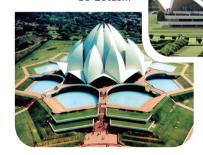
Quase chegando em Alwar, o clima naquela parte da Índia era seco e semiárido. Para piorar, o tráfego intenso de ônibus, carros, motos e tuk-tuks tornava as estradas poeirentas. Parecia que um acidente aconteceria a qualquer momento. Até elefantes eles colocavam para fazer trabalho pesado.



Complexo e belo detalhe de uma porta lateral da tumba de Humayun.



Nosso dia foi perfeito e só poderia ter terminado no Templo de Lótus...



...um engenho humano inspirado na natureza. A harmonia visual é de tirar o fôlego. Muitos são domesticados e tem até legislação específica por lá. Ademais, esses grandões tiveram um importante papel na história daquela região. Os indianos tratam bem os animais, sendo que alguns são sagrados. Vou contar isso mais adiante...

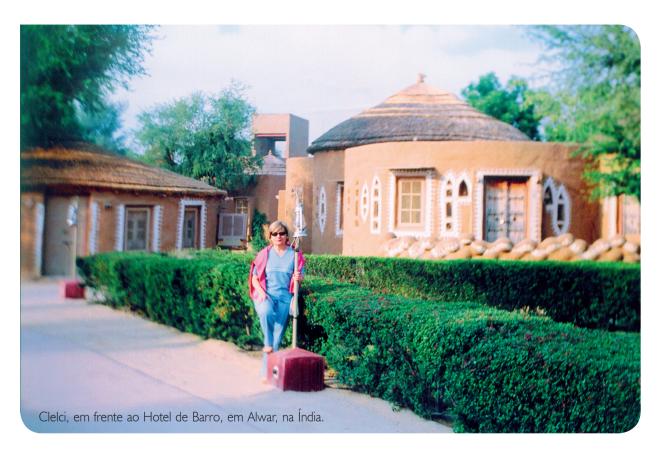
E nós continuávamos na estrada. Paramos em um pedágio. Imaginem a situação... O posto de controle consistia em um guarda-sol, uma mesa, cadeira de plástico, um talão de recibos e um homem que, sentado à sombra, controlava as coisas. Porém, uma hora para explicar o que um grupo de brasileiros estava fazendo ali. "Quanta paciência!"

Seguimos adiante até chegar a Alwar. Só queríamos ir direto ao hotel. Porém, lá chegando, nos deparamos com um detalhe no mínimo curioso... o hotel era feito de barro. Isso mesmo! Tudo naquele lugar era assim. Cadeiras, cama, criado-mudo, paredes internas e até o abajur. Da porta do banheiro, a Clelci me olhou com uma cara... "Não pode ser!" Fui ao banheiro e até vaso sanitário era de barro. A verdade era que o lugar era muito bonito e dava para usar tudo que não quebrava nem derretia nada. "Que experiência!"

A noite chegou. Senti um aperto na barriga. Queríamos jantar, mas primeiro assistimos a um *show* de música típica da região, com bonecos até. Ainda veio um baile à moda indiana e só depois a janta. "Finalmente!" Porém, mais gengibre e mais pimenta...

Acordei cedo e fui apreciar a vista do local. Vi muralhas, fossas, fortalezas e palácios muito rapidamente porque era hora de partir. Antes de embarcar, apareceram dois mágicos. Um tocava flauta e outro fazia truques com pedrinhas. Um deles mostrou um livro escrito e fez a letras desaparecerem. O outro jogou uma pedra fora e fez ela aparecer no meu bolso. E junto com ela lá se foram mais alguns trocados. Tive que incentivar o cara. Afinal, até hoje não sei como ele fez aquilo.

Chegamos a Jaipur, a capital do estado de Rajastán, o maior do nordeste da Índia . O hotel reservado era um antigo templo. Dava para notar que fora transformado, porém não tinha elevador para subir até o terceiro andar. O quarto era amplo, com um banheiro panorâmico com vista para um lindo jardim. Saímos para almoçar no centro da cidade. Só assim descobrimos mais de seus encantos. Lá, muitas construções tinham um tom rosa salmão. O Hawa Mahal (Palácio dos Ventos) é um exemplo, bem próximo da Cidade Rosada. Dizem que essa cor dá sorte. Entre estes dois pontos turísticos, está o Jantar Mantar, mas não tem nada a ver com alimentação. É um dos cinco



observatórios astronômicos construídos pelo maharaja Jai Singh II, a partir de 1724 em diante. O objetivo era prever os movimentos do sol, da lua e dos planetas com instrumentos gigantes postos no chão. "Muito legal!" Alguns astrônomos locais ainda usam estes métodos, mas hoje servem mais para turismo e encontro de estudantes.

Na hora das refeições, procurei comer o menos possível, mas confesso que já estava me acostumando com aquele sabor de gengibre e pimenta.

O Palácio da Cidade compreende o Chandra Mahal, uma espécie de muro habitável, que contorna os arredores de outra edificação, o Mubarak Mahal. Quanta imponência na Índia 2.

À tardinha, voltamos ao hotel. Estávamos muito cansados e eu resolvi fazer uma das massagens oferecidas. Fui até uma casinha em meio a um jardim. Meio desconfiado, deitei na cama e esperei pelo massagista. Pediu que eu relaxasse, apenas com uma toalha cobrindo parte de meu corpo. Esfregou um líquido em minha pele e começou a fazer a massagem. "Nossa!" Dormi. Até hoje eu lembro do alívio. Recomendo! No dia seguinte, eu era outro. Descansado, leve e com uma vitalidade daquelas. A Clelci concordou comigo.

Passamos ao lado do lago Man Sagar, onde era possível ver crianças tomando banho junto às vacas (um dos animais sagrados para os hindus) e de outras coisas mais... Aquela gente era louca por palácios. Até dentro do lago tinha um, o Jal Mahal, que, quando iluminado seu reflexo na água torna a visão quase surreal. Ah, quase que me esqueço... nós participamos de um ritual com Sadu, um homem santo. Ele fez uns passes com incenso e flores.



Palácio dos Ventos, com janelas especialmente construídas para que de dentro se possa observar o movimento de fora, sem ser visto.



Interior do Mubarak Mahal.





O Jal Mahal proporciona belos cartõespostais à noite também...



Eu, com Sadu e sua mulher, em Jaipur. Índia.



Numa outra parada, vimos um encantador de serpentes. Ele tocava uma flauta e de alguma maneira a cobra se deixava iludir pela música e botava o corpo para fora do cesto. Ficava bem esticada. Tirei fotos e filmei e quando ia embora o cara pediu dinheiro por aquilo. Que falha a minha!

Dei uns trocados para ele, pois foi realmente interessante o que aquele senhor foi capaz de fazer...

Nossa viagem seguia estrada à fora e víamos a cada dia coisas diferentes, muita gente pelo caminho, elefantes, macacos, florestas, carros empoeirados. Muita agitação antes de chegarmos a Kishmgarh, uma cidade produtora de mármore. Lá, o nosso primeiro contato foi com as crianças. Elas pediam "pen" (caneta). A gente tinha levado, pois o Nirav alertou para isso, e assim passamos alguns minutos dando esferográficas. As ruas de lá eram tão estreitas que só passava um ônibus por vez. E não é que na estação rodoviária, havia um saindo, bem quando o nosso chegava. Vocês não imaginam o sufoco e perícia do motorista, que conseguiu passar meio que raspando pelo outro

coletivo. Quando andávamos pela cidade, um menino de uns doze anos começou a nos seguir, a Clelci inventou de dar uma caneta a ele. Aí sim que ele não desgrudou. Ficava o tempo inteiro por perto. Queria vir conosco para o Brasil . "Tá louco! Pobrezinho." Complicado... há muito disso na Índia , emigrantes potenciais.

Saindo desse lugar, fomos para Ajamer Hotel, mais um palácio antigo, com um grande jardim central, árvores frondosas e flores. Tudo isso despertava um sentimento de muita paz. "Quantos palácios por lá!" Pela manhã, depois da sessão de fotos e filmagens, fomos participar de um momento de meditação com um monge. Foi legal. Aprendemos alguns truques... Bom, então o choque do dia aconteceu num dos mais incríveis e inimagináveis lugares (pelo menos para mim), um templo dedicado aos ratos. Imaginem... aos ratos! Verdade. Chegando ao tal lugar, ainda era preciso tirar os sapatos para entrar. O Nirav, que já sabia disso, levou uns sapatinhos de plástico para pôr nos pés. "E a gente?", pensei em perguntar-lhe. Por fim, eles vendiam isso por lá e assim entramos. Vi pessoas fazendo comida para dar aos ratos, inclusive leite e outras coisas mais. Como era de se esperar, havia ratos por todo o lado, antes mesmo de se chegar ao altar central. Fora do templo, havia um grande comércio. Tinha de tudo lá: panela, brinquedos, temperos, comestíveis.

Nosso dia terminou no hotel, para um merecido descanso. Na manhã seguinte saímos para Jodhpur, a cidade dourada. Chegando lá, a primeira visita foi a um templo que mais parecia um castelo. Na verdade, era o Mehrangarh, com uma vista incrível da região... "O que não deve haver acontecido aqui anos atrás?", perguntei ao guia, pois ainda se podiam ver marcas de balas de canhão



Palanquins: assentos cobertos, carregados no ombro por duas ou mais pessoas.



Dentro do Sheesha Mahal.





no segundo portão do forte. "Disputas entre os exércitos de Jodhpur, Jaipur e Bikaner", respondeu ele. Porém, hoje a edificação abriga brilhantes e decorados palácios, como o Moti Mahal (das Pérolas), Phool Mahal (das Flores), Sheesha Mahal (dos Espelhos), entre outros. Sem falar que muitos têm setores do museu, que guarda riquíssimas coleções de palanquins, carruagens, berços reais, miniaturas, instrumentos musicais, pinturas, roupas e móveis. Compramos lindas lembrancinhas.

No dia seguinte, fomos a um local de peregrinação e encontramos muita gente em volta de um lago, dando comida aos peixes. Havia tantos cardumes que a água parecia fervilhar... Nosso grupo seguia para o norte, rumo a Bikaner, um lugar muito interessante, que recebe água de dois canais artificiais imensos. O detalhe é que a cidade está praticamente no meio do deserto, mas ainda assim cultiva mostarda, algodão, amendoim, trigo e legumes. Estes canais foram construídos, um em 1928, outro em 1987 e irrigam aquela região noroeste da Índia ...

Em visita ao deserto de Thar, formamos uma caravana de camelos. Todos montaram no lombo dos animais. Eram bastante simpáticos, na verdade. Chegamos a um local onde músicos nos esperavam. Ali no meio do deserto mesmo. Então, começaram a tocar para nós. Imaginem... No meio do nada... apenas o som. Ouvia-se perfeitamente cada nota daqueles instrumentos. "Inesquectvel!" E mais inusitado era o hotel, também em pleno deserto. Lá chegando, havia tendas armadas. Era um acampamento-hotel. Para completar aquela noite, jantar ao ar livre. Só nós e um céu limpo e estrelado... No outro dia, deveríamos subir uma ladeira até um outro templo, de onde era possível ver montanhas ao longe. Detalhe: fizemos o percurso sobre elefantes. "Quanta emoção!" Nesse tem-

plo, quem mandava eram os macacos... uma infinidade deles. Eram dóceis, principalmente quando oferecíamos lanchinho a eles. Biscoitos etc. Muitos indianos banhavam-se com os símios.

A Índia tem uma longa história ferroviária. Praticamente todos se identificam com a vida em trens. E se pode, desde a estação de Chandigartth, onde fomos, fazer viagens rápidas para todo o país, principalmente a Delhi. As chegadas e partidas são frequentes. E nós usaríamos uma dessas máquinas sobre trilhos. Para chegar à ferrovia, as malas deveriam ser carregadas. Então, um grupo de indianos apareceu. Pegaram nossas malas, cada um pôs uma na cabeça e alçou outra e... vejam só... começaram a correr. "Onde vão com nossas malas?" Só nos restou correr atrás. Foram direto à estação ferroviária, onde deveríamos embarcar. "Ufa!" No trem havia de tudo para beber, comer, jornais e muita quinquilharia.

Viajamos para Ganeschgan, onde nosso ônibus nos esperava. Passeamos pela cidade e visitamos mais um templo antigo. Aí aprendi como fazer panqueca, pois davam aulas de culinária. Saímos pela manhã cedo, por uma estrada tão estreita que só passava um carro. Rodamos muito. Bebendo água e só sentados. Até que tivemos que parar num ponto do percurso. As mulheres pediam "banheiro". O ônibus estacionou à beira da estrada e o motorista gentilmente ofereceu umas moitas que estavam ao lado. "Que fazer?" Lá foram elas para atrás das moitas. É assim que faz a maioria dos indianos.

Aproveitei para esticar as pernas e vi camponeses mexendo na terra. Fui lá ver o que era. Plantavam arroz. O arado era puxado por um camelo, enquanto duas pessoas colocavam as sementes nas fendas. Depois, descobri que naquele país se produz basicamente trigo, arroz e legumes.

Em 1842, a Índia não tinha 2 km de trilhos. Em 1870, perto de 2 mil km. Já em 1929, 66 mil km. Lá se pode viajar de primeira classe ou até em bancos de madeira, sem falar dos que vão por cima dos trens (pelo lado de fora).









Foi inesquecível o passeio de elefante rumo ao Templo dos Macacos (Galwar Bagh).

A viagem pelo menos seguia. Até que de repente uns soldados pararam o ônibus. Queriam saber nosso destino. É que andávamos paralelos à fronteira com o Paquistão ... Olharam para a gente, mas era evidente que não representávamos perigo. Ainda mais sob um calor daqueles. Por fim, chegamos no estado de Punjab, na Índia ... Almoçamos em um acampamento. O local era coberto por mantas coloridas. O clima ficou agradável. Pernoitamos ali.

Chegamos a Chandigarh, uma cidade grande, com muitos jardins e bem planejada. As mulheres queriam sedas e lá se foram elas ao grande comércio que havia. As roupas coloridas e os artesanatos eram como ímãs para elas. Ficamos nessa cidade duas noites. Saímos em direção à Cordilheira do Himalaia. Nosso destino: Dharamsala, onde reside o Dalai Lama. Para esse passeio, fomos de camionete 4x4. Andamos o dia todo. Ah, eu deveria ter contado no começo deste capítulo, mas vou dizer agora: os indianos têm o costume de buzinar. Todos buzinam... o tempo todo. "Que coisa!"

Paramos num hotel a 2 mil metros de altitude em McLeod Ganj. Já era noite. Saí para o pátio do alojamento. Tirava umas fotos, quando comecei a ter tonturas. Ofegava também. Fui deitar um pouco antes do jantar. Depois de comer continuava me sentindo mal. Chamei o Nirav e disse a ele o que estava acontecendo e ele pediu para que eu deitasse. Tentamos uma sessão de Reike, mas pouco adiantou. Dormi muito mal. No dia seguinte, falei ao Nirav que eu queria descer, eu estava nervoso e me sentindo mal. Então, ele mandou um carro levar eu e a Clelci para o hotel que ficava a 1.200 metros abaixo, de volta a Dharamsala. Era um mosteiro budista, onde nos encontraríamos no dia seguinte. Nesse tempo, o grupo foi visitar o Dalai Lama, mas o anfitrião estava fora, no México ...



Que tal uma caminhada por McLeod Ganj, em Dharamsala, província de Himachai Pradesch, aos pés do Himalaia?



Este é o Dalai Lama. Seu nome é Tenzin Gyatso, nascido em 1935, e seu cargo religioso é vitalício. Detalhe: ele renunciou aos cargos políticos em 2011.

Enquanto isso, passamos o dia em volta do mosteiro. Havia um templo-escola cheia de monges. Há uma diversidade de religiões na Índia , como expliquei no início deste capítulo. No templo budista, encontramos vários monges, todos muito cordiais e alegres. Encontramos também uma moça brasileira que estudava ali há dois anos. Detalhe: ela disse que ficaria por mais dois...

No dia seguinte, chegaram nossos companheiros e saímos pela cidade. Pensem em um lugar no meio da cordilheira do Himalaia, com montanhas por todos os lados... Aí estávamos, muito interessante.

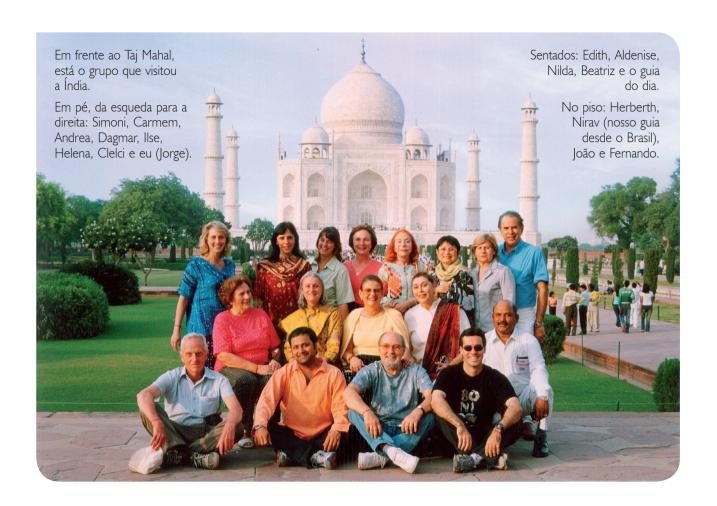
Mas vejam só... No outro dia, de manhã, bem cedo, o mosteiro começou a tremer. Sacudindo tudo mesmo! Levei um susto! A Clelci falou: "Isso é terremoto". Saltamos da cama e começamos a nos vestir, nisso o lustre caiu sobre a cama. Saímos do hotel apavorados, os outros companheiros também. Ninguém sabia o que acontecia. "Situação muito angustiante!" O gerente do hotel falou com o Nirav e soubemos que houvera um grande tremor no mar do Japão e o que passou ali era o reflexo (epicentro). Eu disse que queria sair dali com urgência, mas nosso guia nos acalmou. Disse que já havia passado.

Nesse meio tempo, outro tremor aconteceu. Aí não teve jeito, tratamos de sair dali o mais depressa possível. Chamamos os motoristas das camionetas e abandonamos o hotel... Não sei o que era pior, pois andamos por aquelas cordilheiras por mais de cinco horas. Na estrada havia muitas pedras que tinham caído daquelas altitudes. "Ah, meu Deus!" Sabem aquele silêncio de expectativa? Ninguém falava nada, todos quietos. Acredito que cada um estava rezando e pedindo proteção. Finalmente, avistamos os campos. Estávamos fora de perigo. Lembrei do temporal que enfrentei na infância. "Ufa! Escapei, outra vez!" Voltamos para o hotel em Chandigarth.

No dia seguinte, mercado e compras. Foi uma festa. Numa tenda havia muitos *sári*, vestimenta feminina, de todas as cores e tons. A Clelci comprou um cor-de-rosa.

Depois dessas aventuras nas alturas, seguimos para o sul da província de Uttar Pradesch, ainda na Índia Passamos perto de Delhi, mas queríamos chegar a Agra, onde se localiza o famoso Taj Mahal, um templo dedicado ao amor. Sua construção iniciou em 1632 e foi concluída em 1653. O imperador Shah Jahan o construiu em memória de sua esposa Mumtaz Mahal. Logo na entrada, aquilo se mostrava um lugar mágico, de jardins indescritíveis. Havia muito verde e muita água em lindas piscinas que levam ao templo propriamente dito, onde um edifício se impõe soberano,

140



próximo do rio Yamuna, lá está o Taj Mahal. Como eram as primeiras horas da manhã, sua cor era azulada. O tempo foi passando e as suas cores mudando. Depois ficou totalmente branco. Nosso dia seria ali. Almoçamos e voltamos a passear pelo parque. Quando olhamos para o Taj Mahal, já estava cinza e depois, com o entardecer terminando, foi ficando rosado...

Creio que essas imagens ficarão para sempre em nossas memórias, assim como tudo o que vimos na fantástica Índia , de tantas belezas e tantos problemas, também, ao mesmo tempo em que é uma das dez economias do mundo. Estar em um lugar assim permitiu de fato que nos víssemos no meio de um encontro com nós mesmos, diversos em nossas cores de pele, diversos em costumes que às vezes remetem até a outros tempos, porém essencialmente "humanos", assim como o Taj Mahal, de muitos matizes... porém essencialmente "amor"...

De nossa última visita a Nova Delhi, fomos a um grande parque, com muito verde e muitas flores, em homenagem a Mahatma Ghandi. Lembram que eu prometera falar dele? Bom, a atitude deste líder político e religioso ainda na década de 40, ante a Inglaterra , desvelou a essência hindu: propôs que os colonizadores encontrassem a sabedoria de abandonar a nação, porque as soluções britânicas não serviam para os problemas da Índia , por melhor que fossem as intenções... Simples! Ante a recusa, Gandhi incentivou a união de hindus, siques e muçulmanos pela independência, o não pagamento de impostos, a igualdade às mulheres, a recusa à bebida alcoólica, o boicote ao tecido inglês, a Marcha do Sal etc. Muitos hindus foram agredidos, mas vejam só... nenhum revidou... nenhum usou da violência... apenas não cooperaram... até que os outros foram embora.

Por que é bom viajar?

Todas as experiências fora do ninho são válidas! As relatadas aqui foram as que tive a sorte de aventurar. O meu grande sonho era ir a Yellowstone, como contei no primeiro capítulo... assim como à Australia ou a Machu Picchu, no exato momento em que eu queria. Não foi possível! Porém, entendi que foi por ter um grande sonho que vários outros se realizaram!

Gostaria de responder à pergunta deste título com uma síntese das cinco partes deste livro, que, se unidas, formam uma mensagem... *Primeiro encanto:* nas primeiras viagens é natural achar tudo bonito ou feio, mas entender e desfrutar o diferente nos torna mais inteligentes. Comparações como "melhor" ou "pior" tampouco servem, pois cada lugar do mundo tem um fazer e um viver cultural peculiar. *Novos rumos:* escolher um destino tem a ver com motivações diversas. Há quem queira fugir do trânsito, da poluição, do estresse da cidade; há quem queira festa e agitação. Basta decidir, o mundo oferece vários caminhos. *Aprendizado:* viajar é ficar um tempo por si só, quase sempre aprendendo a resolver os altos e baixos que podem acontecer. *Maturidade:* há uma inevitável troca de experiências em viagens. Isso nos desenvolve socialmente, melhora nosso currículo e ressignifica o conceito sobre nossas origens. *Um encontro com nós mesmos:* uma das coisas mais lindas que encontrei em minhas idas e vindas foi a mim mesmo, na diversidade, é claro. Sim, porque o mundo não e só meu... e isso me alegra. Chato seria se tudo e todos fossem iguais!



Viajar é transitar... quase sempre com aventura. Cabral, Darwin, a familia Shurmann e o ousado Amir Klink que o digam! A todos pesou a intrinseca ânsia do descobrimento...

O mesmo aconteceu com Jorge Lopes Rodrigues, que neste livro conta suas andanças por 35 países ao redor do globo.

A vocação por viajar iniciou na infância e com o tempo as saidas de férias, "para carregar as pilhas", como diz o autor, ganharam ares de profissão. Tanto que hoje o guia e articulista turístico nos brinda nesta obra relatos imparciais e assentados em aspectos históricos, geográficos e sociológicos das regiões e povos que visitou.

Viajar também proporciona um encontro consigo mesmo, tal como mostra o Capítulo V... conforme vamos nos tornando mais cidadãos, plurais e conscientes de nosso lugar no mundo.

Porém, há que ser um bom turista, ou seja, um aventureiro com olhos abertos, que sai com um propósito e volta com um benefício. Basta levar entusiasmo e apoio às pessoas e empresas que apoiam e valorizam a cultura, o patrimônio, a estética, o ambiente e o bem-estar local, até porque assim tudo resulta mais interessante. Isso se chama geoturismo.

Aviso: Este livro pode criar um aventureiro, apressar um viajante e até mesmo motivar um passeio há muito planejado. Para quem já está de malas prontas... será uma feliz coincidência!

Charles Pimentel, editor









